



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DO SUL E SUDESTE DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS
FACULDADE DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA

ANDREZA CORRÊA DE SOUZA OLIVEIRA

**PEDAGOGIA EM AMBIENTES NÃO ESCOLARES: UM ESTUDO SOBRE A
ATUAÇÃO DO PEDAGOGO NAS ATIVIDADES DA BIBLIOTECA MUNICIPAL DE
MARABÁ ORLANDO LIMA LOBO**

Marabá- PA

2019

ANDREZA CORRÊA DE SOUZA OLIVEIRA

PEDAGOGIA EM AMBIENTES NÃO ESCOLARES: UM ESTUDO SOBRE A
ATUAÇÃO DO PEDAGOGO NAS ATIVIDADES DA BIBLIOTECA MUNICIPAL DE
MARABÁ ORLANDO LIMA LOBO

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado como exigência final para obtenção do título de pedagoga com diploma de graduação em Licenciatura Plena em Pedagogia da Faculdade de Ciências da Educação (FACED), da Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará (UNIFESSPA), Campus de Marabá.
Orientadora: Prof.^a Dr.^a Leticia Souto Pantoja.

Marabá - PA

2019

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)
Biblioteca Setorial Josineide da Silva Tavares

Oliveira, Andreza Corrêa de Souza

Pedagogia em ambientes não escolares: um estudo sobre a atuação do pedagogo nas atividades da Biblioteca Municipal de Marabá Orlando Lima Lobo / Andreza Corrêa de Souza Oliveira ; orientadora, Leticia Souto Pantoja. — Marabá : [s. n.], 2019.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará, Campus Universitário de Marabá, Instituto de Ciências Humanas, Faculdade de Ciências da Educação, Curso de Licenciatura Plena em Pedagogia, Marabá, 2019.

1. Pedagogos – Formação - Marabá (PA). 2. Bibliotecas municipais. 3. Pedagogos - Prática. 4. Incentivo à leitura. 5. Qualificações profissionais. I. Pantoja, Leticia Souto, orient. II. Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará. III. Título.

CDD: 22. ed.: 370.71098115

Elaborada por Miriam Alves de Oliveira – CRB-2/583

ANDREZA CORRÊA DE SOUZA OLIVEIRA

**PEDAGOGIA EM AMBIENTES NÃO ESCOLARES: UM ESTUDO SOBRE A
ATUAÇÃO DO PEDAGOGO NAS ATIVIDADES DA BIBLIOTECA MUNICIPAL DE
MARABÁ ORLANDO LIMA LOBO**

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado como exigência final para obtenção do título de pedagoga com diploma de graduação em Licenciatura Plena em Pedagogia da Faculdade de Ciências da Educação (FACED), da Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará (UNIFESSPA), Campus de Marabá.
Orientadora: Prof.^a Dr.^a Letícia Souto Pantoja.

Data da Defesa: ____/____/2019

COMISSÃO EXAMINADORA:

Prof.^a Dr.^a. Letícia Souto Pantoja. (Orientadora) – UNIFESSPA

Prof.^a Ma. Silvana Sousa Lourinha. - UNIFESSPA

Prof.

Marabá-PA
2019

AGRADECIMENTOS

Ao Meu Deus, por ter me dado saúde, força e discernimento pra chegar até aqui e superar os obstáculos. A Ele toda honra e toda glória. A todos os meus professores, em especial minha orientadora, pela dedicação e trabalho prestados ao longo dessa jornada, além de alguns colaboradores desta instituição que por vezes foram de extrema e oportuna relevância. Dedico meus agradecimentos a todos aqueles que acreditaram na conquista deste sonho e que, de alguma forma, contribuíram direta ou indiretamente para que eu pudesse até aqui estar. Às “Pedagógicas”: Ruth, Fabiana, Kamila e Letícia, vocês foram importantes nessa fase da minha história. E por fim, e não menos importante, aos meus pais e esposo pelos conselhos e exemplos que foram, sempre me incentivando e impulsionando a não desistir.

“Quebrando pedras e plantando flores”

Cora Coralina

RESUMO

Este trabalho de monografia abordará a atuação do profissional pedagogo em ambiente não escolar e a importância de sua contribuição no desenvolvimento de projetos de incentivo a leitura, bem como a facilitação dos contatos primários com o universo da literatura no processo que é a infância. A realização de um estudo acerca da atuação pedagógica na mediação para aproximação do universo dos livros e da leitura para crianças, por contos de fadas e as mais diversas formas pelas quais elas possam ser alcançadas e cativadas, permitindo assim viabilizar maiores possibilidades de uma perspectiva formativa. O artigo que apresento é o resultado de um estudo que tinha como ideia inicial descrever a importância da contação de história e do contato da leitura para crianças na primeira infância, mas que acabou por desenrolar-se conforme vivência experienciada, em apresentar e ressaltar também possíveis espaços de trabalho do pedagogo, que vão além do exercício da docência. Assim ao longo aprofundo o debate sobre o perfil e as competências do pedagogo, enquanto profissional da Educação como um todo, para fins de entender os desafios e conquistas colocados na prática pedagógica e a forma como poderá vir a contribuir para o desenvolvimento psicossocial dos sujeitos dos espaços de Educação Não Formal. Através desta pesquisa, foi possível observar o dia a dia de uma das várias possibilidades de atuação do pedagogo, como neste caso na Biblioteca Municipal Orlando Lima Lobo, em Marabá, Estado do Pará, e de que maneira faz-se necessário se preparar para tal, visto que a formação do curso tem como foco principal a atuação em salas de aulas. Elaborei, descrevi e discuti neste artigo, através do acompanhamento do projeto de estímulo à leitura que parte de uma iniciativa do que se espera da atuação do pedagogo no ambiente da biblioteca e advém de um olhar sensível, voltado para a contribuição do desenvolvimento social local, também com o intuito de aproximar esta população deste espaço educativo. O que as crianças descobrem através do universo que é a leitura e as histórias, lhes abrem inúmeras portas para seu desenvolvimento cognitivo, afetivo e interpessoal, que permitem que elas possam construir suas próprias análises e criticidade acerca do que vivenciam, além da linguagem que desenvolvem resultado de práticas interativas sociais deste estímulo. Deste modo, a forma como se posicionam, é vista como integralização de conhecimentos diversos, decorrentes dos

diferentes contextos e eventuais processos formais de aquisição de leitura, escrita e habilidades. Trata-se de um processo não neutro enquanto condição discursiva das formas de produção de conhecimento e prática interligada na nossa sociedade atualmente, para além do conhecimento científico curricular obrigatório.

PALAVRAS-CHAVE: Pedagogia em ambiente não escolar, Pedagogo, Leitura, Infância. Biblioteca.

ABSTRACT

This undergraduated thesis will deal with the pedagogue field of work on a non-school environment and the importance of your contribution at the lecture incentive projects development as well the primary contacts facilitating with the literature universe on the childhood process. The accomplishment of study about the pedagogic performance on mediation to approach books universe and the Reading to preschoolers using fairytales and the most different ways by they can be reached and captivated, allowing that way in order to make greater possibilities of a formative perspective. The paper I present is the result of a study as initial idea of describe the storytelling importance and the Reading contact to preschoolers, but its ended up to develop itself according experience on living, as well on the present and reinforce possible workplaces for pedagogues that go beyond the teaching.

Throughout the work I have deep the debate about profile and competences of pedagogue as Education professional at all to understand the challenges and the achievements at the pedagogic practical and the way how it may become to contribute to psychosocial development of Non Formal Education individuals. Through this research was possible to note the daily routine of one of several possibilities on pedagogue performance as this example from the Orlando Lima Lobo City Library, on Marabá, state of Pará, and the necessary way to prepare the professional to perform according the graduation focus on class teaching. I drew up, described and discuss in this work by the monitoring in a project to stimulate the reading that became from an initiative of what expect for the pedagogue performance at the library environment and from a sensitive gaze, looking towards the local social development contribution as well the intention to come closer the population from this educative space. Many doors can be open to the cognitive, affective and interpersonal development of children by what they discover on the reading universe and the stories it contains, allowing to create their own analysis and criticize about what they had lived, and develop an own language as result of interactive practices of social meeting from this kind of stimuli. How they act is seen as participation of different knowledge that came from different context and eventual formal process of acquisition of reading, writing and skills. It is a non neutral process as discursive

condition of knowledge type production and interconnected practice in our society nowadays to go beyond the scientific curricular mandatory.

Key-words: Non-school environment pedagic practice, Pedagogue, Reading, Childhood, Library.

LISTA DE FOTOS

IMAGEM 1: Mercado Municipal de Marabá/Pará	41
IMAGEM 2: Espaço Cultural	41
IMAGEM 3: Biblioteca Municipal Orlando Lima Lobo	42
IMAGEM 4: Biblioteca vista por dentro	43
IMAGEM 5: Projetos desenvolvidos pela Biblioteca Orlando Lobo	45
IMAGEM 6: Biblioteca em Ação	47
IMAGEM 7: Momento de dialogo	55
IMAGEM 8: Lenda da Boiuna	56
IMAGEM 9: Em praça pública	57
IMAGEM 10: A Hora do Conto	58
IMAGEM 11: Convite da Semana Brincante	60
IMAGEM 12: Oficina de Educação Ambiental e Alimentar	61
IMAGEM 13: Cozinha Educativa	62
IMAGEM 14: Momento da pintura	63

Sumário

1. INTRODUÇÃO	12
1.1 REFERENCIAL TEÓRICO	15
1.2 HISTÓRIA DA INFÂNCIA E A LITERATURA INFANTIL	26
1.3 A PEDAGOGIA E A IMPORTÂNCIA DE UMA LITERATURA LÚDICA	33
2. BIBLIOTECA MUNICIPAL ORLANDO LIMA LOBO	39
2.1. BIBLIOTECA ACESSÍVEL	43
2.2 PROJETOS DE ESTÍMULO	45
2.3 LEITURA NO NINHO	49
3. UM RELATO DE EXPERIÊNCIA SOBRE O TRABALHO DE ESTÍMULO À LEITURA EM MARABÁ COM FOCO NA ATUAÇÃO DE UM ESTUDANTE DE PEDAGOGIA	53
CONSIDERAÇÕES FINAIS	63
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	68
ANEXO	71

1. INTRODUÇÃO

A necessidade de saber, aprender, estudar, ler, escrever, calcular e comportar-se, talvez nunca tenha sido uma necessidade tão imprescindível, em nossa história como agora no século XXI, o que é exemplificada quando observamos o quanto somos cobrados cotidianamente. Criada na Grécia Antiga, a Pedagogia vem para se preocupar com a Educação e métodos de ensino e atuação nos mais diversos campos que envolvem o ato de ensinar.

O termo Pedagogia vem da terminologia grega *paidagogós*, em que *paidos* significa criança e *gogía* significa acompanhar, conduzir. Nas comunidades tribais, a educação era passada de pai para filho, o saber era igualitário já que todos tinham o mesmo conhecimento. Assim, nessa época, o pai era o educador, aquele que transferia o conhecimento. Foi a partir da Antiga Grécia que os filósofos começaram a se preocupar em qual seria a melhor maneira de repassar a educação.

O status de cientificidade à atividade dos pedagogos levou muito tempo até ser conferido como uma ciência, apesar de a problemática pedagógica estar presente em todas as etapas históricas desde a Antiguidade. O processo educacional ao qual o homem foi submetido é até os dias de hoje de fundamental importância para o desenvolvimento dos grupos sociais e sociedades, razão pela qual o conhecimento histórico e experiências passadas fazem-se necessários para entender os rumos tomados pela educação no presente. Além disso, o que nunca mudou é o fato do pedagogo, ao longo da sua caminhada, ter se visto sempre a mercê de quem estava no poder (LIBANÊO, 1999).

A pedagogia teve seu início quando as explicações religiosas deixaram de ser a única resposta para as indagações existentes, que deixaram de ser divinas, pois o pensamento crítico juntamente com a razão buscava responder às inquietações tomando como base a realidade. Os filósofos, então, começaram a se questionar acerca do por que ensinar? Ou, para que ensinar? Qual a melhor forma de ensinar?

Motivado pela urbanização e aumento demográfico, após a revolução industrial, é que o modelo de educação centrada na figura do professor como transmissor do pensamento se disseminou ao longo dos séculos XVIII e XIX. A

crescente expansão e fortalecimento dos regimes democráticos inspirarão a contestação pelo acesso à escola enquanto direito inerente ao cidadão. Com tudo, a educação passa a ser atribuída como tarefa responsável pela formação do cidadão, ciente de dos seus direitos e deveres e capaz de exercê-lo perante a sociedade a qual pertence. No Brasil, a educação não era prioridade no período imperial. Porém, em 1835, o governo criou a Escola Normal de Niterói, com o objetivo de formar professores que pudessem repassar os conteúdos escolares por meio do método lancasteriano¹ do ensino mútuo. Nesse período, o país não tinha um planejamento de pedagogia nacional e, por isso, baseava seus projetos nos ideais europeus e norte-americanos. Oficialmente o curso de pedagogia como bacharelado surge na Faculdade Nacional de Filosofia na Universidade do Brasil, fundada em 4 de abril de 1939, tinha a duração de três anos e como objetivo formar “técnicos em educação”. No período da ditadura militar, houve a reordenação do ensino superior, decorrente da Lei 5.540/68, que modificou o currículo do curso, repartindo-o em habilitações técnicas para formação de especialistas, e orientando-o tendencialmente, não apenas para a formação do professor do curso normal, mas também do professor primário em nível superior, mediante o estudo da Metodologia e Prática de Ensino de 1º Grau.

O termo pedagogia gira entorno da compreensão do fenômeno educativo e sua intervenção intencional que dá vida a um saber específico. Logo, torna-se inseparável a ligação da prática educativa e sua teorização, que elevou o saber pedagógico ao nível científico. Desta forma, o pedagogo passa a ser indispensavelmente, investido de uma função reflexiva, investigativa e, portanto, científica, de todo processo. Interpreta-se assim pedagogia, como um conjunto de métodos, princípios e técnicas educativas, que buscam compreender a educação, e assuntos relacionados ao cotidiano estejam eles em quaisquer ambientes onde se apresentem, assim como à condução dos assuntos educacionais de contextos distintos, dentre processos e técnicas mais eficientes para realização, e assim, aperfeiçoar e estimular a capacidade das pessoas.

Conquanto entende-se que o campo de atuação do pedagogo é vasto, não podendo ser resumido apenas ao âmbito escolar. O que por vezes, tem gerado um

¹ Criado por Joseph **Lancaster**, influenciado pelo trabalho do pastor anglicano Andrew Bell, teve como objetivo ensinar um maior número de alunos, usando pouco recurso, em pouco tempo e com qualidade.

conflito de identidade desse profissional, haja vista que o próprio pedagogo tem uma visão limitada de sua própria formação restrita de seu desempenho quanto à atuação.

1.1 REFERENCIAL TEÓRICO

O profissional graduado em pedagogia pode trabalhar dentro da área da administração escolar, em cargos como supervisor, orientador, diretor, ou ainda especializar-se como psicopedagogo e também atuar em ambientes não escolares como empresas privadas, hospitais, ONGs, indústria ou ainda na própria produção de material pedagógico.

Sobre atuação em diferentes espaços podemos citar a pedagogia hospitalar, voltada para o objetivo de integrar pacientes, que por diversas razões, não podem estar inseridos aos ambientes convencionais. No Brasil, em 15 de outubro de 1987, o Hospital A.C. Camargo, localizado na cidade de São Paulo, inaugurou a proposta de Pedagogia Hospitalar inserida pela fundadora Carmen Prudente. A Constituição Federal de 1988, diz que a educação é um direito de todos e dever do Estado e da família. Se a lei máxima que define os direitos e deveres dos cidadãos brasileiros garante o acesso à educação, cabe aos pedagogos e demais profissionais da educação, levá-lo às diferentes situações onde se encontra o educando. Encontra-se também amparo para os alunos que necessitam de educação especial hospitalizados no Decreto Lei nº 1044/69, em seu art. 1º que diz:

Art. 1º São considerados merecedores de tratamento excepcional os alunos de qualquer nível de ensino, portadores de afecções congênitas ou adquiridas, infecções, traumatismo ou outras condições mórbidas, determinando distúrbios agudos ou agudizados, caracterizados por: a) incapacidade física relativa, incompatível com a frequência aos trabalhos escolares; desde que se verifique a conservação das condições intelectuais e emocionais necessárias para o prosseguimento da atividade escolar em novos moldes.

A Pedagogia Hospitalar vem como uma forma de minimizar os efeitos negativos do quadro clínico e psicológico do paciente, uma vez que, ajuda na sua estabilidade emocional, na continuidade de seus estudos para que ele não fique defasado. Existem duas formas de contribuição da Pedagogia Hospitalar para o bem-estar da criança hospitalizada. A primeira acontece por meio do lúdico como forma de comunicação e distração, enquanto a outra se destina em conhecer esse ambiente, que muitas vezes é delicado, o que ajuda a desmistificar, e trazer outros sinônimos, outros meios de atendimento, fazendo com que a criança deixe parte de

seus medos, resistências e possa confiar e se ambientar com a equipe multidisciplinar, atuante em seu processo de reabilitação.

A atuação do pedagogo, no ambiente hospitalar, consiste em diferentes espaços como: brinquedotecas, ambulatórios, leitos e enfermarias. Criando ambientes para potencializar e favorecer a construção do conhecimento dos estudantes em educação básica, respeitando as necessidades e dificuldades de cada educando.

Quando qualificado como psicopedagogo - o que acontece através de curso de especialização, pós termino da graduação - o campo de atuação desse profissional é ainda mais amplo, sua função é identificar problemas nos métodos de ensino, nos currículos ou, até mesmo, nas relações pessoais a fim de gerar melhor entendimento entre profissionais. Assim, detecta problemas psicopedagógicos que possam interferir no processo de desenvolvimento das habilidades, prestando orientação pedagógica para instituições, auxilia na elaboração do conteúdo a ser passado e cria planos de trabalho visando à facilitação do aprendizado e a solução de problemas. O psicopedagogo pode, ainda, contribuir com o sistema, realizando intervenções em busca de reduzir casos de evasão ou demissões a fim de melhorar a assimilação dos conteúdos e o desempenho dos funcionários. O profissional pode atuar na área de recursos humanos, prestando assessoria a empresas, órgãos públicos e ONGs.

Em clínicas e consultórios, o pedagogo pode atuar prestando atendimento como forma de auxílio extraescolar, por exemplo, visando solucionar dificuldades no processo de aprendizagem do indivíduo, ou ainda, ser requisitado na área da saúde, atuando com pacientes em hospitais. Nesse contexto, o profissional trabalha questões ligadas a trauma e doenças que levam à falta de memória, redução da capacidade de aprendizado ou queda no desempenho funcional. Além disso, busca desenvolver ações para gerar mudanças comportamentais no paciente e, assim, corrigir e facilitar as dificuldades de assimilação de conteúdos. Muitas vezes, atua em conjunto com outros profissionais, como psicólogo, psiquiatra ou fonoaudiólogo, por exemplo.

O pedagogo institucionalizado, por sua vez, trabalha com um grupo de pessoas, seja em instituições de ensino, empresas públicas ou privadas. Dependendo do local de trabalho, sua função é avaliar o comportamento de alunos, colaboradores ou funcionários, identificando os fatores que interferem na

aprendizagem ou desempenho dessas pessoas e oferecer soluções para a melhora nesse campo. Vale mencionar que a demanda por parte das grandes empresas e corporações tem aumentado, pois costumam requerer o pedagogo para orientar no processo de contratação de pessoas com alguma deficiência, visto que elas têm garantido por lei uma cota de 5% das vagas de trabalho.

A atuação do pedagogo em ambientes empresariais, criada para dar suporte a mudanças rotineiras inerentes ao mercado, ampliação e aquisição de conhecimento nos espaços organizacionais. Ao estar presente nesse campo de atuação tem por objetivo uma busca por estratégias e metodologias que garantam uma melhor aprendizagem e apropriação de conhecimentos como criatividade, espírito de equipe, habilidades verbais entre outros. Também é papel do pedagogo empresarial a transmissão de técnicas de levantamento de necessidades, elaboração e programas de treinamento, compreendendo e elaborando formas de mensurar resultados em treinamento e desenvolvimento. Vivemos numa sociedade em constante transformação e o conhecimento se mostra cada vez mais valorizado, fazendo do aprendizado contínuo, garantia de sobrevivência. Diante disso, as empresas valorizam o desenvolvimento de seus colaboradores, evidenciando a importância da educação no mercado de trabalho e começam a desvendar a influência da ação educativa do profissional de pedagogia na empresa. Sendo assim, a pedagogia empresarial está sempre visando melhorar a qualidade de prestação de serviços.

O profissional formado em pedagogia também tem ganhado espaço em instituições jurídicas, na área sobre família e infância, no intuito de identificar problemas que porventura uma criança esteja passando no contexto familiar. Como visto, há várias possibilidades de área de atuação, porém todas com objetivo de contribuir para um processo saudável de aprendizagem, ajudando o ser humano a desenvolver melhor suas potencialidades. Como podemos perceber tem ocorrido uma crescente valorização da Educação à Distância – EAD - devido à crença na sua capacidade de cumprir metas de instrução com uma baixa razão custo x benefício e largo alcance territorial, assim o pedagogo ganha espaço com a produção de material auditivo, audiovisual e impresso, no sentido de promover a produção de materiais didáticos a partir de uma concepção criativa e crítica em relação à modalidade de ensino em questão, outro crescente campo de atuação nos dias de hoje.

Ainda dentro das diversas possibilidades descritas acima, temos a pedagogia social como ferramenta, que busca corrigir as circunstâncias instauradas nos problemas sociais e desajustes, que corriqueiramente e negativamente afetam os mais desfavorecidos como: pobreza extrema, abandono, violência doméstica e nas ruas, a falta de expectativa, que têm relação direta com os grupos mais humildes e, de maneira especial, as crianças. Para que haja uma mudança significativa na sociedade, é preciso desenvolver e aprimorar estratégias educativas que facilitem a transformação. Onde se encaixa a pedagogia social, que parte de um princípio básico que, não há mudança social sem educação.

Mas o que de fato é a Pedagogia Social? Posto que, direciona-se a uma modalidade praticada em ambientes não escolares, é uma alternativa para incluir socialmente aqueles que a educação formal não alcança. É uma ciência da educação, e insere-se na parte prática da engrenagem; ainda pouco elaborada e abordada, devido suas peculiaridades e fragilidades, por tratar-se de um processo voltado para indivíduos em sua grande parte considerados “distintos”, por vezes ignorados e/ou excluídos pela sociedade, e que não integram espaços formais.

A pedagogia social por possuir especificidades, ainda é muito incompreendida, pois assume uma postura aberta, diferenciada de educação, o processo educativo acontece em espaços não formais dirigidos a grupos especiais, que em sua grande parte não são considerados como cidadãos possuidores de direitos pela sociedade que os cerca (PAIVA, 2005. p. 3).

Paulo Freire foi precursor, quando desenvolve a metodologia em escola de ensino para adultos, refletindo sobre aspectos da importância da inclusão e conscientizando assim a sociedade para a transformação social da educação de modo geral. A Pedagogia Social no Brasil tem por antecedência de sua origem, o assistencialismo de políticas públicas, a partir dos quais começam a ser discutidas as fragilidades postas pelo sistema, e as responsabilidades oriundas aos projetos sociais. Necessitam-se hoje, em uma emergência cada vez maior, novos olhares enquanto educadores e maior atenção às práticas educacionais, assim como nos processos de formação destes profissionais.

Como será possível notar ao longo do desenvolvimento deste trabalho junto à biblioteca local, observa-se a presença da prática deste modo de atuação na presença da pedagogia social. Essas novas organizações da sociedade contemporânea, findam pela necessidade expansiva da ação, assim a pedagogia

social deixa de ser assistencialista, e passa a ser interventiva através do educador social (pedagogo/mediador), como abordado no ambiente em questão ou ainda em instituições religiosas, fundações, ONGs (Organizações Não Governamentais), OSCs (Organizações da Sociedade Civil), programas sociais públicos, dentre as demais entidades do Terceiro Setor. Aprofundando o interesse pelo assunto, seja como o nomeamos (Pedagogia Social ou Educação Social), seja com outras nomenclaturas como Pedagogia Empresarial, Hospitalar, Comunitária, Especial ou Inclusiva – pela defesa de uma perspectiva, tanto conceitual quanto empírica, o tópico interdisciplinaridade e flexibilidade são tratados como quesito fundamental para a tratativa desta modalidade da atuação. Esta modalidade de educação não formal leva a um processo com várias dimensões como a aprendizagem política dos direitos enquanto cidadãos; capacitação dos indivíduos para o trabalho, por meio da aprendizagem de habilidades e desenvolvimento de potencialidades; a capacitação e exercício de práticas que auxiliam a organização de objetivos comunitários, voltadas para a solução de problemas cotidianos; aprendizagem de conteúdos que possibilitem aos indivíduos fazerem uma leitura do mundo do ponto de vista que compreendam o que se passa ao seu redor; como exemplo o projeto desenvolvido pela instituição em questão estudada; a educação desenvolvida na mídia e pela mídia, em especial a eletrônica e desenvolvem usualmente muros extraescolares, e que por vezes competem e influenciam na finalidade do percurso. Importante ressaltar que educação não formal não deve ser vista como proposta alternativa à educação formal, ela envolve formação como aprendizagens e saberes de ordem subjetiva, emocional e cognitiva.

Em um ambiente escolar enquanto a figura responsável por elaborar um caminho favorável para construção de conhecimento e apropriação de saber é a figura do professor, em espaços não formais, assumem papéis de monitores, conselheiros, coordenadores, com os quais interagem ou apenas integram. Por vezes, pedagogos exercendo tais papéis, como é o caso da atuação na biblioteca onde foram feitas as observações discutidas neste trabalho.

Apresentando uma caracterização dos espaços de educação não formal, classifica-se basicamente em duas categorias: Institucionais - locais regulamentados, que possuem técnicas e responsáveis pelas atividades executadas, tendo como principais exemplos os museus, bibliotecas, centros de

acolhimento, entre outros; e os Naturais - ambientes urbanos, sem estruturação institucional, como exemplos teatro, shopping, parques, praias e alguns outros.

Segundo Freire, existem três fases bem distintas na construção do trabalho do educador social: saber diagnosticar a demanda e suas características, a elaboração preliminar de uma proposta de intervenção e o desenvolvimento e complementação do processo de participação de um grupo ou toda a comunidade na implementação da proposta.

Essa concepção chamada de problematizadora se funda na relação dialógica entre educador e educando, onde ambos aprendem juntos e o processo de saber é uma busca compartilhada. “[...] o pensar do educador somente ganha autenticidade na autenticidade do pensar dos educandos, mediatizados ambos pela realidade, portanto na intercomunicação [...]” (FREIRE, 1987, p. 64).

Segundo Gohn (2006), quando falamos em educação não formal é necessário distinguir e demarcar as diferenças entre estes conceitos, formal, não formal e informal. Primeiramente demarcamos seus segmentos:

- Educação formal: é aquela desenvolvida nas escolas, com conteúdos anteriormente estabelecidos e elaborados;
- Educação informal: trata-se daquela que os indivíduos adquirem durante seu processo de socialização, familiar, vizinhança, amigos e etc., repletas de valores e culturas próprias, e heranças.
- Educação não formal: é aquela que se aprende na vida, via os processos de compartilhamento de experiências, principalmente em espaços e ações cotidianas.

Em cada campo, quem educa é o agente do processo de construção do saber? Na educação formal sabemos que são os professores. Já na educação informal, os agentes educadores são os pais, a família em geral, os amigos, os vizinhos, colegas de escola, a igreja paroquial, os meios de comunicação de massa etc. Na não formal, o grande educador é o outro, aquele com quem interagimos ou nos integramos, papel do pedagogo em ambientes não escolares.

Ao tratar da Educação Não-Escolar, Afonso (2001) esclarece a caracterização entre educação formal, não formal e informal:

Por educação formal, entende-se o tipo de educação organizada com uma determinada sequência e proporcionada pelas escolas enquanto que a designação educação informal abrange todas as possibilidades educativas no decurso da vida do indivíduo, constituindo um processo permanente e não organizado. Por último, a Educação não formal, embora obedeça

também a uma estrutura e a uma organização (distintas, porém das escolares) e possa levar a uma certificação (mesmo que não seja essa a sua finalidade), diverge ainda da educação formal no que respeita a não fixação de tempos e locais e à flexibilidade na adaptação dos conteúdos de aprendizagem a cada grupo concreto (p. 86-87).

Existe um espaço único para educar? Qual o espaço físico onde ocorrem os processos educativos? Qual a maneira certa de educar? Em que contexto ou situação? Na educação não formal ou social, os espaços educativos são aqueles em que se passam as trajetórias de vida do indivíduo, locais informais onde existem processos interativos naturais e intencionais. Já a educação informal tem seus espaços educativos demarcados por referências de nacionalidade, localidade, idade, sexo, religião, etnia etc. A rua onde mora, bairro, condomínio, ou o local de culto a que se vincula sua crença religiosa. Ocorre em ambientes e situações construídos coletivamente, de acordo com as condutas dos grupos, em geral onde se escolhe permanecer, entretanto, também pode se dar por forças circunstanciais vivenciadas, individualmente. Afonso (2001) ressalta que: “todas as possibilidades educativas no discurso da vida do indivíduo, constitui um processo permanente e não organizado”.

O ato de interagir, buscar conhecimento, transmitir ou trocar saberes, são características intencionais da educação não formal. Assim sendo, situa-se no campo da Pedagogia Social - que trabalha com coletivos e se preocupa com os processos de construção de aprendizagens – a qual tem por objetivo capacitar os indivíduos a se tornarem cidadãos participativos sociais, facilitando o caminho para o conhecimento sobre o mundo que envolve suas relações interativas, caminhos esses, que vão sendo construídos a cada etapa do processo, que finda no segmento educativo. Modo de educar, que surge como resultado do processo voltado para os interesses e necessidades onde serão aplicados.

A transmissão de informação e formação política e sociocultural é uma meta na educação não formal. É nessa construção de relações sociais baseadas em princípios de igualdade e justiça social, que fortalecem o exercício da cidadania, educando o ser humano para a civilidade, formando cidadãos com olhares mais críticos e menos individualistas. Todas as atividades desenvolvidas pelo Educador Social devem também buscar desenhar cenários futuros, os diagnósticos servem para localizar o presente, assim como para estimular imagens e representações sobre o futuro. O futuro como possibilidade é uma força que alavanca mentes e corações, impulsionando para a busca por mudanças. A esperança - fundamental

aos seres humanos - reaviva-se quando trabalhamos com cenários do imaginário desejado, sonhos e expectativas. A educação não formal é uma área carente de pesquisa científica.

A educação deve acompanhar sempre as mudanças da sociedade, formando, capacitando e desenvolvendo o ser humano para que este se posicione de forma positiva perante a realidade. Antigamente, o desenvolvimento profissional não costumava ser muito valorizado, pois as grandes empresas contentavam-se em suprir suas necessidades mais específicas, e a valorização da mão de obra girava em torno da capacidade da realização de tarefas instituídas e da repetição das mesmas, fordismo. A repetição e a mecanização das tarefas distinguiam o mercado de trabalho manual do intelectual que, por sua vez, não requisitava profissionais com um índice tão alto de capacitação como hoje. A capacitação era voltada para os níveis mais restritos da empresa, numa constante que permitisse garantir os processos gerenciais da alta administração. Outro ponto está relacionado ao desenvolvimento de uma percepção objetiva a respeito de si e da organização com vistas à implementação de estratégia de desenvolvimento, conhecimentos, habilidade e atitudes que promovam o domínio profissional. Sabendo que as competências individuais formam a base para as competências organizacionais, podemos considerar que elas influenciam, diretamente, de modo que a organização prepara o indivíduo para enfrentar novas situações dentro da organização ou mesmo na vida pessoal, enquanto devolve à organização o seu aprendizado, tendo sempre condições de enfrentar os novos desafios.

O pedagogo que atua em bibliotecas tem como foco a atuação em planejamento e execuções de ações e projetos que promovam aprendizagem contemplando as experiências de cada sujeito. Atuação essa a qual pude presenciar de forma clara durante o processo de observação do cotidiano da biblioteca Orlando Lima Lobo, em que a pedagoga está em contato constante e diário com o público frequentador e direciona orientações para solucionar as questões trazidas; e ainda como a organização na disposição dos livros e conteúdos de forma a servir com o funcionalismo público mas também ativa nas atividades oferecidas pela biblioteca, como sua participação no desenvolvimento do projeto de incentivo à formação do público leitor. Assim, nessa perspectiva, é que a ação do pedagogo é determinante para que esse processo ocorra de forma correta decorrente de sua natureza híbrida, posta também como prática social inclusiva e colaborativa.

Segundo Gohn (2006, p. 103), “um dos pressupostos básicos da educação não-formal é o de que a aprendizagem se dá por meio da prática social. É a experiência das pessoas em trabalhos coletivos que gera um aprendizado”, afinal, o espaço é vivo de informações, conhecimentos e tal construção é rica e feita através da troca, do contato e participação social. Lembrando que as práticas educativas vão além dos espaços escolares. De acordo com as pesquisas relacionadas ao assunto da atuação dos pedagogos em espaços públicos como bibliotecas, ainda se nota que ela está em sua maioria ligada principalmente à bibliotecas de cunho particular, dentro de escolas particulares, mas que, entretanto cada vez mais percebe-se a necessidade desse profissional neste campo de atuação.

Fato é, qualquer que seja a área de atuação do pedagogo, ela se apresenta repleta de desafios, já que a formação ofertada pela grade curricular do curso de Pedagogia ainda enfatiza a atuação do pedagogo para os espaços escolares. É preciso estar atentos aos diversos aspectos do perfil profissional como: atuação ética-profissional relativa à responsabilidade social para a construção de uma sociedade solidária, justa e inclusiva, manter-se inteirado das situações educativas que ocorrem em ambientes não escolares. Saber lidar, conhecer e entender de projetos educativos que considerem a diversidade e as inter-relações da sociedade tanto na esfera: cultural, científica, tecnológica, estética e ética que ocorrem nas diferentes instituições. Estudos desenvolvidos apontam ainda indicadores necessários, esperados como quesitos para a atuação em espaços não escolares. Flexibilidade de ações; competência e habilidade na busca de soluções para os conflitos e impasses enfrentados, com compreensão do processo histórico, social, administrativo e operacional em que está inserido; comprometimento e envolvimento com o trabalho; bom relacionamento interpessoal; comunicação eficaz, capaz de falar com diversas classes; ter competência e habilidade para planejar, organizar, liderar, monitorar, empreender.

Para estar preparado para suprir essas expectativas, o Pedagogo deve manter-se sempre em busca de conhecimento e aprimoramento, de acordo com seu ambiente de interação/atuação. Porém a verdade é que, nunca se é capaz de estar completamente preparado, pois sempre haverá barreiras e novos desafios a serem quebrados.

Assim, o presente texto tem como questão norteadora: Qual a importância da atuação do pedagogo em ambientes não escolares e sua contribuição para a formação de público leitor na cidade de Marabá-Pará?

Partindo dessas argumentações fui motivada por meio da pesquisa de observação, aplicada durante o estágio obrigatório em ambientes não escolar, do 8º período do curso de Pedagogia, uma pesquisa de caráter qualitativo, envolvendo estudo bibliográfico, orientado por questões para refletir sobre como pedagogos que atuam em ambientes não escolares, como no estudo de caso, a biblioteca, concebem e desenvolvem a proposta da literatura infantil no município de Marabá, se existe a concepção de uma proposta de literatura infantil para o desenvolvimento do letramento literário, bem como a atuação do pedagogo em espaço não formais de aprendizagem.

Pesquisa qualitativa entende a realidade social, na qual interagem sujeito e objeto, já que ambos são da mesma natureza. E pesquisa descritiva tem por finalidade observar, registrar e analisar os fenômenos sem, entretanto, entrar no mérito de seu conteúdo, ou seja, na pesquisa descritiva não haverá a interferência. A pesquisa bibliográfica abrange a leitura, análise e interpretação de livros, periódicos, entre outros documentos. Trata-se de uma leitura atenta e sistemática que se faz acompanhar de anotações e fichamentos que, eventualmente, servirão para fundamentação teórica do estudo.

As reflexões apresentadas neste trabalho foram construídas a partir de observações da prática pedagógica de duas profissionais pedagogas que atuam em ambiente não escolar, e que fazem parte da rede de funcionários do município de Marabá, no estado do Pará.

Assim, este Trabalho de Conclusão de Curso apresenta como objetivo geral descrever a contribuição do pedagogo para a formação de público leitor na cidade de Marabá. Desta forma temos ainda como objetivos específicos: apontar a possibilidade de atuação em diferentes espaços fora da sala de aula; analisar a importância do estímulo à leitura desde a infância; a contribuição da Biblioteca Municipal para o estímulo do hábito da leitura na cidade de Marabá.

Portanto organizo o trabalho da seguinte forma: Capítulo Teórico, onde disponho a relevância do contato com a leitura para o desenvolvimento do letramento; das habilidades leitoras, orais e suas influências ao longo de todo o processo da construção cognitiva, fundamentado e dialogando com conceitos.

Em seguida capítulo metodológico, no qual descrevo as experiências observadas junto ao cotidiano dos profissionais pedagogos ao longo da pesquisa, onde pontuo momentos relevantes para o desenvolvimento das conclusões, rente minha breve contribuição, apontando práticas aplicadas em narrativas experienciadas.

Por fim, e não o bastante, visto que trata-se de uma breve pesquisa em um campo de crescente expansão científica, apresento os resultados das observações das atividades desenvolvidas na Biblioteca Orlando Lima Lobo, junto às minhas considerações finais.

Trabalhar com crianças não é apenas fazer com que ela aprenda a ler e escrever. A literatura infantil surgiu, na história da humanidade, quando apareceu o conceito de infância. Ela contribui para o conhecimento, recreação, informação e interação necessária ao ato de ler, podendo assim influenciar de maneira positiva no desenvolvimento social, emocional e cognitivo da criança. De acordo com Vygotsky (1988), o início da vida da criança é marcado pela intensidade do desenvolvimento intelectual, físico, emocional e moral da criança, assim, ela passa a construir um processo de humanização. A criança, por estar em relação com a sociedade e seus costumes, se apropria do mundo, desenvolvendo uma forma de refletir sobre ele, aprendendo a atuar no mesmo. Assim, a formação infantil mostra-se fundamental na construção de uma consciência humanizada, que valorize o ser humano e que perceba como atuar na sociedade.

Diante disso, é preciso um incentivo maior por parte da família e do meio de inserção, onde está a criança, colocando a leitura como mecanismo de lazer e cultura proporcionando elementos que chamem a atenção de forma prazerosa, apontando dificuldades e sugerindo alternativas para tentar resolver o problema.

A seguir veremos como a leitura valoriza a autonomia intelectual e social, motivando e desafiando nos alunos a capacidade de transformar e compreender o contexto em que vive e modificá-lo de acordo com a sua necessidade. Daí os contos de fada serem realmente importantes no desenvolvimento da criança em sua totalidade, mas a razão do sucesso dos contos de fadas reside justamente no fato de abordarem a linguagem emocional em que a criança se encontra, porém o mais importante que os contos ensinam é que uma luta contra dificuldades graves na vida é inevitável, é parte intrínseca do ser humano e, quando tudo finda, a personagem emergirá vitoriosa. Ao mesmo tempo em que a criança necessita viver essas

experiências, ela precisa também que sejam oferecidas sugestões em forma simbólica sobre como ela pode lidar com estas questões da vida e crescer.

“...ler e o ouvir desempenha uma função catalisadora de interesse e prazer. Ora, se as crianças se mobilizam é porque o mundo organizado em narrativa corresponde aos seus interesses e anseios e, por conseguinte, é significativo para elas.” (AMARILHA, 2009, p. 18)

1.2 HISTÓRIA DA INFÂNCIA E A LITERATURA INFANTIL

Apenas no século XVIII, após uma mudança que ocorria nas estruturas sociais, surge em nosso panorama cultural uma literatura voltada ao público infantil, anteriormente duramente adultizado, como se não houvesse infância. Aliás, a infância como a conhecemos hoje - uma faixa etária necessitando de atenção direcionada, com interesses próprios - realmente não existia. A infância não era vista como um momento distinto da idade adulta, nem havia um espaço apropriado, compartilhavam as mesmas situações que os adultos, participando de modo igualitário da vida. Nessa época, a criança era considerada um adulto em miniatura, que participava da vida adulta, inclusive tomando contato com sua literatura. O sentimento pela infância nem sempre existiu. Por muitos anos as famílias encaravam a mortalidade infantil como uma fatalidade, algo natural, não havia sentimento pela perda de um filho que nasceu e logo morreu por parte de seus familiares, pois sabiam que logo seria substituído por outro filho. Se morreu, era pela vontade de Deus ou por que era fraco.

Antigamente, a única diferença entre adultos e crianças, eram o tamanho e estatura, logo, assim que apresentassem alguma independência física, já contribuíam como força de trabalho, junto com os adultos. Os responsáveis contavam com a ajuda das crianças para realizarem o plantio, e a produção de alimentos em suas terras, pescas, caças. Sendo absolutamente comum que, assim que seus filhos tivessem condições de se manterem em pé, já contribuíssem para o sustento de sua família. Também por isso as estruturas familiares de antigamente eram compostas por quantidades numerosas de pessoas.

Sob essas circunstâncias, não tinham oportunidade de passar pelas etapas da infância que hoje conhecemos, como: tempo de brincar, estudar e aprender de

acordo com sua capacidade cognitiva, ou seja, não experimentavam o período da infância e juventude. Nas escolas, a educação recebida não passava de técnicas que consistiam em aprender como fazer. Assim, crianças e adultos recebiam a mesma formação para posteriormente realizarem as mesmas tarefas que eles, recebendo os mesmos afazeres, sem diferenciação alguma. Nesse tempo, não se praticava educação formal escolar, do ensino pela ciência.

Só por volta do século XVI e XVII é que ocorre alguma mudança em relação às crianças e o sentimento da infância. Os pequenos começam a ser notados e têm suas imagens atribuídas a um ser gentil, carismático, afetuoso e cheio de capacidades, tornando-se também uma distração para os adultos, tanto para seus pais como para seus cuidadores, recebendo um olhar mais atencioso e por consequente carinhoso. Mesmo assim, nem todos cultivavam esse mesmo olhar sobre as crianças, sendo que, alguns ainda as viam como desperdício de tempo e seres insuportáveis, era o lado negativo do sentimento de infância. Em meados do século XVII, forma-se outro sentimento de infância, que teve seu desenvolvimento entre os moralistas e educadores da época, e inspiraram a educação até o século XX. As distrações, brincadeiras e diversões que as crianças traziam até então, foram deixadas de lado, logo começavam a se preocupar com a imaturidade do comportamento infantil, agora a visão era: “Só o tempo poderia curar o homem da infância e da juventude, idades da imperfeição sob todos os aspectos”, assim falava “el discreto de Balthazar Gratien, um tratado sobre educação de 1646[...]” (ARIÉS, 1978, p. 162).

No Brasil, as primeiras figuras da infância foram trazidas pelos Jesuítas. Neste contexto, existia uma imagem mística de fé de crianças-santas e outra difundida pelas Carmelitas que comparavam as crianças à pureza de Jesus, assim sendo, enxergam as crianças como tábulas rasas ou páginas em branco, livre das malícias dos homens adultos. Assim acreditavam que as crianças deveriam receber luz e serem moldadas antes de atingirem a puberdade, idade em que para eles se conhecia o bem e o mal, e formariam seu caráter adulto. Com esse propósito, o primeiro projeto pedagógico no Brasil foi instaurado pelos Jesuítas, a fim dessa modulação que afastassem as crianças da contaminação dos costumes adultos, com a propagação da fé cristã e a catequização dos indígenas. Mesmo com essa proposta pedagógica, as crianças abandonadas, órfãs e migrantes não conseguiam

serem atendidas. Os manuscritos lidos para as crianças – tais como as vidas de santos – eram voltados para a formação religiosa.

É ainda nessa época que surge a preocupação com a criação de uma escola; começa-se a pensar numa obrigatoriedade da alfabetização. Com essa nova inquietação com a leitura, surgem resumos de certos livros de adultos que passaram a ser adaptados à compreensão e ao gosto das crianças. A leitura põe-se como fenômeno histórico, valendo-se de um modelo de sociedade em expansão. Passou a ser uma preocupação em função de outras modalidades que se realizavam. Foi a leitura através da escola que abriu aos jovens a porta para o universo do conhecimento.

Com o tempo a educação institucionaliza-se, substituindo aos poucos a aprendizagem transmitida pela experiência dos mais velhos. Surge um novo mercado de consumo, no qual aparecem os dicionários de higiene para a família, brinquedos e uma literatura específica para criança. Quanto ao surgimento da literatura² infantil, tem características próprias, pois decorre da ascensão da família burguesa, do novo conceito concedido à infância na sociedade e da institucionalização da escola. No final do século XVIII foram escritos os primeiros livros destinados às crianças. Sua emergência está atrelada antes de tudo, à associação com a Pedagogia, já que as histórias eram elaboradas para se converterem em instrumento dela. Porém eles ainda não podem ser considerados literatura infantil. Sua função consistia em ensinar valores, hábitos e ajudar a enfrentar a realidade social. Em outras palavras, eles propiciavam uma leitura utilitária, diferente de como se classifica a literatura infantil.

Entre essa reorganização da instituição escolar e de criação de um novo gênero literário, os primeiros textos para infância foram escritos por pedagogos e professores, que deixam notória a intenção educativa. Apresentando-se muito mais didática do que artística, atribuindo à literatura infantil princípios de dominação da criança, perpetuando até nossos dias atuais a aceitação da literatura para crianças como arte. Antes, porém, as crianças da nobreza liam os grandes clássicos e as crianças das classes populares liam lendas e contos folclóricos que com o passar do

² Em latim, *literatura* significa uma instrução ou um conjunto de saberes ou habilidades de escrever e ler bem e se relaciona com as artes da gramática, da retórica e da poética.

tempo, esses clássicos sofreram adaptações e os contos folclóricos inspiraram os contos de fadas. No Brasil, a literatura infantil chegou no final do século XIX.

Os processos sociais aos quais as crianças são submetidas, tornam-se fundamentais no papel que consolidam posteriormente na sociedade. Isso porque os valores passados em classes distintas sociais associam-se com a preocupação em dar continuidade aos projetos de acumulação de bens, assim famílias de classe média e alta preocupam-se com a educação de seus descendentes.

A medida que a literatura preenche lacunas existentes na sua vida, uma vez que, por ser tão jovem não consegue organizar suas vivências de modo que façam parte do seu mundo interior, a leitura pode libertá-la desse aprisionamento.

Acerca disso Vygotsky, ressalta:

(...) o desenvolvimento do pensamento é determinado pela linguagem, isto é, pelos elementos linguísticos do pensamento e pela experiência sociocultural da criança. Basicamente, o desenvolvimento da fala interior depende de fatores externos: o desenvolvimento da lógica na criança, como os estudos de Piaget demonstram, é uma função direta de sua fala socializada. O crescimento intelectual da criança depende de seu domínio dos meios sociais do pensamento, isto é, da linguagem. (1995 apud VILLARDI, 1999, p. 8).

Deste modo, a literatura direcionada ao público infantil não deve se apresentar com um tema específico, nem se deixar determinar por forma única, deve transitar entre o real e o imaginário, incorporando ao texto a ilustração, admitindo modalidades próprias (conto de fadas, história com animais, regionais, etc.). Mas principalmente trazer em sua estrutura muita fantasia, possibilidades que possam despertar o interesse infantil.

Para tornar possível o trabalho com literatura infantil desde cedo é fundamental associar o livro a ideia do brincar, ou livro como brinquedo, partindo do princípio de associação da leitura como satisfação, utilizando-a como ponte para um universo mágico. Assim a criança poderá se encantar com o livro e conhecer seu lado lúdico e encantador, envolvendo-se assim com as surpresas que cada página carrega. Como fator importante nesse processo, faz-se necessário o contato direto da criança com o livro desde bem logo, tão quanto possam manuseá-lo.

Desde sua apresentação aos livros, até o momento de seu letramento e alfabetização, a criança deve estabelecer contato com todos os tipos de livro existente, seus materiais disponíveis, incluindo as diversidades de assuntos abordados, logo o interesse, imaginação, tato e audição são constantemente

estimulados e desenvolvidos. Além, é claro, dos quesitos, onde, quando e porque esse contato é induzido.

(...) de acordo com seu nível de compreensão do mundo, seu nível de elaboração de pensamento e sua experiência anterior. Isto significa que o livro 'ideal' para a criança é aquele em que ela encontra tanto elementos que ela já reconhece quanto alguns elementos novos (...). (VILLARDI, 1999, p. 82).

Para que a compreensão das histórias seja feita de forma adequada pelas crianças, é preciso que se estabeleçam etapas, e sejam interpretadas e intermediadas por um adulto que as conheça. Levando em consideração a linguagem utilizada e futuras adaptações que estabeleçam uma identificação da criança com o enredo e para que a história chegue ao pequeno interlocutor de forma integral.

Inicialmente o contato das crianças com a literatura infantil se dá através das leituras oralizadas e possivelmente de contatos visuais com imagens ilustrativas, o que é de suma importância na criação de elo da palavra escrita com a compreensão do sentido do texto. As imagens servem de apoio para o pequeno leitor lançar mão no momento de uma futura reprodução e também dar sentido às narrativas que lhe são contadas, já que se trata de uma linguagem que dominam amplamente, sendo repleta de significados. Estabelece-se uma ponte entre o texto e criança, que logo estará fazendo sua "leitura" das histórias, utilizando as ilustrações como suporte. Isso se torna base para suas escolhas futuras de leituras, quanto mais ilustrativas, mais atraentes tornam-se, e neste momento opções devem ser acessíveis, ao alcance das mãos, assim evitando barreiras para o interesse. De que adianta uma biblioteca repleta de livros inacessíveis aos quais os pequenos não tenham acesso? Na escola não deve ser diferente, levando em consideração o papel fundamental da mesma nesse processo de iniciação literária na infância. Sendo nas séries iniciais da educação infantil que o estímulo deve ser gerado. Nessa etapa, o condutor/mediador/professor deve apresentar às crianças os diversos gêneros textuais, ler com eles e comentar as leituras é fundamental para o desenvolvimento do chamado comportamento leitor, deixando-se levar pelos entusiasmos das crianças, sem a preocupação com o "ensinar literatura".

Deve-se estar atento à necessidade do rompimento do dogma anteriormente utilizado pela pedagogia nos primeiros escritos infantis, de utilizar a leitura como

forma de controle, onde a narrativa acaba sendo usada para acalmar e dominar o comportamento das crianças inquietas e/ou imposição de silêncio, o que atrapalha sua real intencionalidade que é o despertar literário libertador. Objetivando deixá-los livres para o desenvolvimento imaginário e escolhas próprias, é preciso identificar as falhas enquanto atuantes na educação para modificá-las em nossas formações, entendendo que se trata de um processo lento que não acontece de uma hora para outra. Demanda tempo, empenho, entendimento e vontade de transformação dessa realidade tão presente em nossa cultura.

Ler e ouvir história “desempenha uma função catalisadora de interesse e prazer. Ora, se as crianças se mobilizam é porque o mundo organizado em narrativa corresponde aos seus interesses e anseios e, por conseguinte, é significativo para elas.” (AMARILHA, 2009, p. 18). Precisamos abster-nos de nossas tendências dominadoras, ditadoras de regras, para conseguirmos enxergar o que está além do alcance dos olhos e sentir como as crianças, no seu universo particular, entendem e percebem a literatura. Respeitar o modo de aproximação adotado por elas para o caminho dos livros e não as afugentemos, podendo perder assim uma oportunidade de formar leitores encantados com o mundo rico e deslumbrante que há na leitura.

A literatura Infantil pode ser uma arte infinitamente abrangente, uma das produções e recepções humanas mais importantes para a formação do indivíduo: de um lado, a experiência do autor; de outro, ocasiona uma experiência ao leitor. Ela cultiva a liberdade de espírito enriquecendo a imaginação e a fantasia.

Transmitidas oralmente, de geração em geração, tradições folclóricas e lendas de todos os povos são a principal fonte inspiradora da literatura infantil. Por sua vez, uma literatura contemporânea vai além do prazer, da emoção: ela visa alertar, transformar a consciência crítica do leitor e interlocutor, e por meio dela, fazer associações e harmonizar a fantasia e realidade, como forma de responder suas exigências internas. Originalmente a literatura tem como objetivo influir sobre as mentes, ampliando e transformando emoções, sonhos, vocações, desejos e sentimentos de toda ordem. É nesse momento literário que o ser tem a oportunidade de enriquecer sua experiência de vida. A literatura Infantil é um subterfúgio de

fundamental importância como auxílio às práticas pedagógicas, pois desenvolve o raciocínio e a sensibilidade dos educandos como traz o RCNEI³:

(...) os professores deverão organizar a sua prática de forma a promover em seus alunos: o interesse pela leitura de histórias; a familiaridade com a escrita por meio da participação em situações de contato cotidiano com os livros, revistas, histórias em quadrinhos; escutar textos lidos, apreciando a leitura feita pelo professor; escolher os livros para ler e apreciar. Isto se fará possível trabalhando conteúdos que privilegiam a participação dos alunos em situações de leitura de diferentes gêneros literários feito pelos adultos, como contos, poemas, parlendas, trava-línguas, etc; propiciando momentos de reconto de histórias conhecidas com aproximação às características da história original no que se refere à descrição de personagens, cenários e objetos, com ou sem a ajuda do professor RCNEI (1998, vol.3, p.117-159).

É necessário que a família, juntamente com a instituição educacional, estimule o hábito da leitura na criança o quanto cedo, salientando-a como uma das atividades mais importantes para o desenvolvimento do vocabulário e construção de suas ideias.

Atualmente o que se percebe constantemente são as reclamações dos educadores em relação à dificuldade de leitura que os alunos apresentam nas séries iniciais, o que torna evidente neste caso a má utilização e/ou ausência da literatura infantil como instrumento catalizador motivacional para as crianças terem acesso aos mais variados textos e gêneros textuais.

Importante lembrar, que além de a literatura infantil ser um feito literário, é um produto direcionado às crianças, sendo que, em suas origens, era destinado aos adultos. De acordo com Vygotsky e sua concepção histórico-cultural do modelo de aprendizagem, a literatura deve ir além do modelo utilizado habitualmente em sala de aula, é necessária a construção de novas compressões pedagógicas, através de uma investigação de como ela se dá historicamente como forma de expressão e que lugar ocupa no mundo de hoje e no dia-a-dia de nossos alunos e suas comunidades. Tal entendimento pode abrir portas para discussões a respeito da funcionalidade e representatividade que tem sido cultivada entre gerações e razões que levaram o homem a cultivá-las através do tempo.

Literário não refere-se apenas a leituras de livros, mas também a cinemas, tvs, música, teatro, cada vez mais comuns ao cotidiano, cujo recursos de expressão

³ É o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil, integra a série de documentos dos Parâmetros Curriculares Nacionais elaborados pelo Ministério da Educação atendendo às determinações da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei 9.394/96).

e de interpretação vão além das palavras. São essas artes que alimentam as necessidades artísticas e o mundo imaginário, fantástico e de sonho importantes para o desenvolvimento humano. Apenas não se envolvem e desenvolvem interesse aqueles que não têm oportunidade de conhecer.

1.3 A PEDAGOGIA E A IMPORTÂNCIA DE UMA LITERATURA LÚDICA

A relevância da contação de história, e o contato com a leitura ainda na infância trazem como principal valor, o estímulo ao imaginário, desperta a curiosidade e coopera na construção de novas ideias, numa expansão de conhecimentos e que fazem com que a criança vivencie situações diversas como: alegria, superação, tristeza, medo, entre outros, ajudando a resolver esses conflitos e criando novas expectativas.

Assim como a observação da análise feita por Beillerot (1985, p. 141) quando pondera que "a reprodução da necessidade de saber é uma forma socializada e, logo, em evolução, do desejo de saber, ele mesmo uma transformação do desejo de conhecer".

Diante do atual cenário, as responsabilidades atribuídas ao educador e a todos aqueles envolvidos nos processos educativos, pais, tutores, como um todo, existe a presença mista de sentimentos contraditórios, que entrecruzam incredulidade e esperança, amedrontamento e pretensões. Fatores recorrentes, de discursos e resultados que apontam e enfatizam uma crise e suposta perda da legitimidade do processo. Ainda assim tais processos são de fundamental relevância para o futuro comportamental e educacional no país, sendo considerado um dos processos mais relevantes contemporâneos, influenciado especificamente por diversidades nos fatores econômicos, sociais e culturais.

De acordo com as experiências obtidas na formação de ensino superior, percebemos que não é possível desprender em proporção as práticas pedagógicas da formação docente. A compreensão de que os saberes dos professores/educadores possuem múltiplas fontes e se constituem numa dimensão temporal (TARDIF, 2000), mostra-nos que a docência é uma junção de prática com reflexões teóricas, adequada ao ambiente onde se irá aplicá-la; processo ininterrupto ao longo de todo o ofício enquanto educadores.

Conforme nos afirma Beillerot, estamos diante de uma sociedade efetivamente pedagógica, onde a expansão do conceito de educação tem modificado cada vez mais as ações pedagógicas nos mais diversos ambientes em que são praticados, mediante as modalidades da educação formal e não formal, desenvolve-se a produção e a disseminação de conhecimento, conceitos, habilidades, crenças e conseqüentemente, atos, como processo formador das estruturas sócias.

Essas estruturas tornam-se meios que possibilitam o ensino-aprendizagem e necessitam de políticas próprias para estabelecerem alguns padrões e modos de formação dos sujeitos, a fim de torná-los sociáveis. A disparidade das condições das quais são dispostas se expressa posteriormente em reflexos sociais.

Deste modo, observa-se o seguimento educativo como fenômeno que salienta o poder influenciador dos mediadores. Existem hoje em nosso século, diversas formas de ensino e por conseqüente, maneiras distintas de aprendizado, o que torna a ação pedagógica um importante elo na construção social.

[...] a ação pedagógica descobre-se no centro de um complexo desenvolvimento social e tecnológico, pelo que é ainda necessário investigar porque motivo às relações sociais assumem tanto a forma de relações pedagógicas (BEILLEROT, 1985, p 239).

No cotidiano da construção da infância, a narração de histórias pode ser um excelente instrumento de trabalho, trata-se de uma atividade lúdica, artística e pedagógica que está facilmente ao alcance como um recurso importante ou um novo caminho para a aprendizagem da criança e, conseqüentemente, para a formação de um ser mais crítico/analítico.

Sobre a ação Pedagógica, não diferimos. Podemos dizer epistemologicamente, que trata-se de um breve ajuste entre teoria e prática, devendo levar em consideração todo o processo de construção que a envolve. É preciso apreciar nos espaços de ambientes não escolares sua vastidão em possibilidades de interação, tanto entre objetos de ensinamentos quanto em mediadores. Isso porque existe um compartilhamento mútuo de conhecimento que deve ser explorado.

Ao narrar histórias, além de trabalhar a emoção, é também uma atividade lúdica que socializa, educa e informa. O educador quando conta uma história, faz uma ponte entre o livro e o pequeno ouvinte, criando um elo imaginário, contribuindo

para aquisição da linguagem, estimulando a observação, facilitando a expressão de ideias, e desenvolvendo a capacidade cognitiva de perceber o livro como um instrumento de informação. É ficar sabendo História, Geografia, Filosofia, Política, Sociologia, sem precisar saber o real nome disso tudo.

Para além das salas de aulas, Gohn (2006), nos ajuda a refletir sobre os pressupostos educativos dos espaços educacionais não formais, para ela a educação não formal ocorre mediante os processos de interação e compartilhamento de experiências, em qualquer local onde existe a intencionalidade educativa, fora do ambiente formal tradicional, que possuem padrões pré-estabelecidos e processos de ensino metódicos, que agem de acordo com as diretrizes nacionais.

Entender o significado da interação como importante fator no desenvolvimento da cultura científica ou social da criança, tanto a educação formal quanto a não formal, não dispensam a atuação do “outro” no processo da aprendizagem/ensino. Intencionalmente a potencialização na participação dos indivíduos, contribui para a formação do mesmo como cidadão de identidade participativa em um coletivo de um social envolvido. Assim como o que foi observado nos projetos desenvolvidos pela Biblioteca Municipal de Marabá.

Para Bettelheim (2009), as histórias representam, de forma imaginativa, aquilo em que consiste o processo sadio de desenvolvimento humano. O conto não poderia ter seu impacto psicológico sobre a criança se não fosse, primeiro e antes de tudo, uma obra de arte. Qualquer pessoa em algum momento da vida já ouviu ou contou uma história, pois as histórias e os contos populares sempre existiram desde que o ser humano adquiriu fala. Não há nesse mundo um só povo que não tenha suas histórias, elas são uma necessidade humana, tornando-se um elo, uma união. Acredita-se que as histórias devem ter nascido no momento em que o homem sentiu necessidade de contar aos outros experiências vividas que poderia ter significado para todos.

Mas qual a relação da Pedagogia com a contação de história? Enquanto o termo Pedagogia está relacionado à disciplina teórica metodológica, a Educação Social tem a ver com a prática e aplicabilidade, de acordo com a demanda apresentada, como a Pedagogia aplicada na instituição da Biblioteca Municipal Orlando Lima Lobo, que prestam serviços utilitários à sociedade marabaense. Posto que direciona-se à uma modalidade praticada em ambientes em sua maioria não

escolares, é uma alternativa para incluir socialmente aqueles que a educação formal não alcança. Trata-se de uma ciência da educação e insere-se na parte prática da engrenagem, ainda pouco elaborada e abordada, devido às peculiaridades e fragilidades. Existem hoje no mercado, como forma de formação continuada, cursos específicos de contação de história dada sua importância e que vêm sendo cada dia mais resgatada e pontuada.

Em seu livro *Contar Histórias: Uma arte sem idade*, COELHO (1999, p.47) nos ensina que “antes de narrar a história deve-se abrir espaço para uma boa conversa. Por exemplo, se a história gira em torno de animais domésticos e começa-se diretamente, os ouvintes poderão interromper dizendo: eu também tenho um gato, um cachorro, um passarinho, o que for”. Ela reforça que o espaço para as crianças falarem antes da narração é indispensável. Neste momento o “contador” conhece melhor as crianças e concede a oportunidade aos pequenos de falarem. Isto acalma e os prepara para a aventura.

Como forma de estimular o desenvolvimento cognitivo, responsável pelas habilidades de uma criança em termos de processamento de informações, recursos conceituais, capacidade perceptiva, a aprendizagem de línguas, e outros aspectos do desenvolvimento do cérebro em relação ao ponto de vista de um adulto, a leitura é essencial e indispensável. Como vimos e relatamos neste trabalho, o desempenho estabelecido pela Biblioteca Municipal, no empenho pelo desenvolvimento de um público infantil leitor.

Ao longo de toda trajetória de vida, estamos adquirindo conhecimentos que são armazenados e irão nos compor enquanto indivíduos sociáveis. Este conhecimento dá-se através das relações estabelecidas no primeiro momento em leito familiar, e conseguinte nos demais ambientes frequentados, sejam eles formais ou informais.

O processo de ensino e aprendizagem se caracteriza de certa forma nas relações de poder definidas, sejam de forma restrita ou ampla estabelecidas pelo indivíduo, desta forma e de modo crescente a pedagogia tem se instaurado como auto disciplinante, algo em que os estudantes devem nortear-se. As relações de poder-saber são fundamentais aos processos pedagógicos, funcionam não apenas em relação às técnicas definidas em discursos educacionais, mas de certo modo, em relações sociais e as práticas institucionais específicas (GORE, 1994).

Através da leitura torna-se possível, examinarmos nossos próprios valores e conhecimentos com os dos outros. Assim como os relacionamentos interpessoais, os livros podem ser surpreendentes, formar e informar leitores, nos transportar para outros mundos possíveis e fazer de nós, indivíduos aprendizes e mestres. “A leitura do mundo precede a leitura da palavra”, afirmou Paulo Freire na obra intitulada *A Importância do Ato de Ler* (1988). Ouvir história é o primeiro passo da aprendizagem para criar um bom leitor, logo se trata de um caminho infinito de descobertas e pontos de compreensão do mundo a sua volta, seus conflitos, impasses e soluções suscetíveis ao longo da vida. O estímulo através dos contos, deixam fluir o imaginário e despertam nas crianças a curiosidade, que é prontamente respondida durante a leitura. A memória é um registro ativo de experiências acumuladas ao longo da vida que refletem no modo de interpretar os acontecimentos, fazendo com que a todo instante criem-se esquemas mentais que organizam todo o conhecimento obtido. Ao usar o processo cognitivo, o leitor realiza uma atividade de produção de sentidos, tornando-se autônomo e criativo. Para transformar indivíduos em leitores de alto nível, deve-se incentivar ainda criança, leituras nos mais diversos gêneros textuais: publicitários, poéticos, narrativos e informativos, entre outros. Sabemos que o primeiro contato que a criança tem com a leitura é através da audição, alguém está lendo para ela e é por meio dessa prática que a leitura vai se apresentando.

De acordo com Villardi (1999, p. 11): “Há que se desenvolver o gosto pela leitura, a fim de que possamos formar um leitor para toda vida”. Assim para além das leituras obrigatórias escolares, a criança encontrará através da leitura, um mundo mágico, habitado por seres incríveis que as roubam atenção.

Para Freire o mundo que se movimenta para o sujeito em seu contexto pode ser diferente do mundo da escolarização. Dessa forma, a leitura das palavras na escolarização, ou de sua escrita, de nada implicaria na leitura da realidade. Percebe-se que o contato com o mundo da leitura e contação de histórias na infância é de extrema - e por que não dizer- de fundamental importância, pois a criança que é incentivada e gosta de ouvir e ler histórias será com certeza um adulto diferenciado. Além de apresentar-lhe o mundo, oferece a sensação de pertencer a uma identidade, uma cultura, cria-se também um elo afetivo, assim a entonação de voz, a escolha da história e as expressões corporais tornam-se ensinamentos pressupostos.

Ao adquirir o hábito da leitura, a criança passa a dispor de um repertório amplo de informações e passa a expressar-se melhor, seja por fala ou propriamente a escrita, assim a principal função que a leitura cumpre junto ao leitor é a apresentação de novas oportunidades de entendimento existenciais, sociais e políticos.

Os pedagogos que trabalham a leitura e a contação de histórias, sabem da importância que é o momento da hora do conto e o fascínio que exerce sobre elas através dessa atividade. A leitura do mundo foi sempre fundamental para a compreensão da importância do ato de ler, de escrever ou de reescrevê-lo, e transformá-lo através de uma prática consciente. Esse movimento dinâmico é um dos aspectos centrais do processo de alfabetização que deveriam vir do universo vocabular dos grupos populares, expressando as reais linguagens carregadas da significação de experiências existenciais e não apenas dos padrões alfabetizadores.

A alfabetização é a criação ou a montagem da expressão escrita pela oral. Assim as palavras do povo advêm através das leituras do mundo. Retornando a eles, inseridos no que se classifica como codificações, que nada mais são do que representações da realidade.

2. BIBLIOTECA MUNICIPAL ORLANDO LIMA LOBO

Em um breve conceito, pode-se dizer que a biblioteca é um centro propagador de leitura e armazenamento de informações públicas. Meio pelo qual, todos tem liberdade de acesso às informações buscadas, além de própria produção cultural, através dos bens informativos de todos os tipos. Historicamente de cunho restritivo e estático, alguns livros de difícil reprodução e mobilidade tornaram a biblioteca um templo. Entretanto com a introdução das novas tecnologias de informação e comunicação, esta imagem começa dar sinais de mudança e ser desconstruída, passando a ser vista como um centro dinâmico e interativo de informação. O principal fator apontado de mudança na imagem da biblioteca é a utilização das novas tecnologias de informação e comunicação.

As bibliotecas públicas são instituições indispensáveis em cada localidade, o que as torna, portanto, essenciais ao desenvolvimento cultural e intelectual da população. Para preservar a memória do município, a Biblioteca Pública procura coletar, com ajuda da população local, e guardar tudo o que existe a respeito da sua história e dos acontecimentos presente, entre eles: jornais, revistas, cartazes, folhetins, folders, vídeos, depoimentos, entrevistas, etc.

Assim tem sido com a Biblioteca Municipal Orlando Lima Lobo, localizada no município de Marabá, Pará, que tem se tornado cada vez mais, local de encontro da comunidade, para troca de experiências e engajamento cultural, além dos incentivos pela busca de novos conhecimentos, autoinstrução, tem também levado entretenimento e buscado criar e recriar-se.

Após longos anos de abandono, o prédio histórico, hoje patrimônio tombado da cidade pelo Conselho Municipal do Patrimônio (Lei nº 9.269, de 27 de dezembro de 1987), o Antigo Mercado Municipal de Marabá, em 2003 passou pelo primeiro projeto de revitalização na gestão do prefeito Haroldo Bezerra.

IMAGEM 1: Mercado Municipal de Marabá/Pará



Construção histórica onde funcionava o mercado municipal, inaugurado em 1931, localizado no centro da cidade. Imagem fonte: projeto de revitalização proposto pela Fundação Casa da Cultura no ano de 2005.

Fonte: imagem cedida pela fundação Casa da Cultura de Marabá

Mas foi em 2005, a pedido do então prefeito da cidade, Sebastião Miranda Filho, que a Fundação Casa da Cultura elaborou um novo projeto de revitalização, visando sua conservação e proteção, que ganhou vida e utilidade, ao tornar-se um espaço cultural multiuso que abrigava venda de comidas típicas regionais, artesanatos de origem local, exposições e informações históricas e turísticas e acomodava também o arquivo público municipal.

IMAGEM 2: Espaço Cultural



Aqui já funcionando como espaço cultural. Após a primeira revitalização.

Fonte: imagem cedida pela fundação Casa da Cultura de Marabá

Três anos depois, após uma nova reforma de revitalização, passou a ser Biblioteca Municipal Orlando Lima Lobo, inaugurada no dia 20 de setembro de 2008, então localizada na Rua 5 de Abril, 969, ao lado da também construção histórica da Igreja Católica de São Felix de Valóis, que também dá nome à praça pública localizada às margens do rio Tocantins, bairro onde se deu o início da construção da cidade.

IMAGEM 3: Biblioteca Municipal Orlando Lima Lobo



Estrutura já reformada para receber a Biblioteca Municipal. Foto do ano de 2008.

Fonte: <http://bibliotecaorlandolobo.blogspot.com/2010/06/biblioteca-orlando-lima-lobo-historia.html>

Antes vinculada à Secretaria Municipal de Educação - SEMED, hoje encontra-se de acordo com os parâmetros do MinC - Ministério da Cultura - incorporada à Secretaria Municipal de Cultura – SECULT.

Em sua estrutura interna, o prédio conta com uma vasta parte térrea e um meio piso (mezanino) que tem a finalidade de ampliar e aproveitar de melhor forma o espaço. A biblioteca abriga ainda, a Sede da Secretaria Municipal de Cultura - SECULT, em duas salas localizadas no rol de entrada. Na parte térrea, dispõe-se o acervo para pesquisas, estudos e eventos literários e artísticos, que ali ocorrem, composto por mesas, cadeiras e estantes que incluem também móveis voltados para o atendimento ao público infantil, como mesas e cadeiras apropriadas, com as obras

que fazem parte do acervo, além de uma sala para exposição, que atualmente está sendo utilizada pela Secretaria de Cultura, e uma sala de projeto, também utilizada pela mesma. Já no mezanino, encontramos uma sala de informática, a então “Biblioteca Virtual”, que possui 4 computadores, atualmente com capacidade de utilização e mais algumas mesas e cadeiras para permanência no local. Banheiros, copa, cozinha, uma dispensa e uma sala de coordenação, e ampla área nos fundos e na frente da Biblioteca, utilizada para exposições, sarais, tributos, papos literários dentre outros projetos desenvolvidos hoje pelas instituições citadas acima.

IMAGEM 4: Biblioteca vista por dentro



Nesta foto, a biblioteca abre as portas para visitas agendadas das escolas, e elabora atividades interativas para estimular as crianças.
Fonte: acervo da pesquisadora (2019)

Além das atividades desenvolvidas para divulgação do espaço público, os funcionários se dividem entre as funções de organização e preservação do acervo para melhor atender ao público, assim como também ao recebimento de doações, catalogação e disposição por tópicos dos mesmos.

Para melhor desempenhar suas funções, a Biblioteca Pública orienta-se por alguns princípios:

- Garantir e ampliar o acesso às inesgotáveis possibilidades e fontes de informações;

- Ser mantida pelo poder público e prestar os serviços básicos gratuitamente;
- Ter atendentes sempre dispostos a se atualizar e a orientar o público na busca de informações diversas;
- Articular-se com outros órgãos públicos e comunitários para desenvolver projetos em cooperação, atendendo as necessidades da comunidade.

2.1. BIBLIOTECA ACESSÍVEL

Historicamente, as Bibliotecas Públicas, tem quatro funções que norteiam o seu desenvolvimento: educacional, cultural, de lazer e a informacional. Assim tendo como objetivo democratizar a informação e a cultura aos usuários, independente de etnia, idade, sexo, etc. este tipo de informação, nos mais diversos suportes e formas. Imbuídos desse princípio e espírito de semeador, a biblioteca precisa semear leituras, e assim oferecer as mais diversas possibilidades aos seus usuários.

Proporcionar desenvolvimento cultural a todos os cidadãos de forma a responder suas necessidades e grupos, nas áreas da educação, cultural, social e desenvolvimento pessoal, através da informação em todos os níveis e do estímulo a leitura como forma de inclusão, participação e transformação cultural e social. Bem como a promoção do livro e o intercâmbio com os literatos.

Ao longo de sua existência, as Bibliotecas Públicas assumiram também a condição de apoiadores de pesquisas escolares. É importante que estejam preparadas para desempenhar mais este papel, principalmente, com acervos acessíveis, diversificados e amplos e é por isso que hoje existem dentro de seus espaços as “bibliotecas virtuais”.

A Biblioteca Municipal de Marabá possui diversos exemplares em Braille e audiovisuais, com os mais diversificados assuntos, com intuito de viabilizar o acesso à leitura e pesquisa dos portadores de necessidades especiais. Além disso, conta com livros sonoros, gravados em CDs, materiais de apoio pedagógicos, disponíveis para empréstimos a pesquisadores e professores. Possui também CDs, filmes, documentários e DVD's com assuntos de pesquisas.

Horário de funcionamento de segunda a sexta-feira, das 08:00h as 18:00hs, ininterruptamente, salvo o mês de dezembro e por vezes, o mês de julho, devido à diminuição do fluxo de visitantes, ao que atribui-se o período da férias. Mas para o qual a biblioteca também tem desenvolvido projetos a fim de movimentar esse fluxo, com projetos de acolhimento às crianças, com tardes literárias, com eventos com contação de história, teatro de fantoches, exibição de filmes, aulas educativas sobre meio ambiente, culinária, artes, pinturas, músicas e muito mais.

Por vezes a biblioteca funciona também nos feriados, sábados, domingos e a noite, com programações culturais diversas, entre as quais: oficinas, exposições, lançamentos de livros, bate-papo literários, saraus, tributos entre outros eventos, o que a torna convidativa para outros momentos e projetos.

IMAGEM 5: Registro de alguns projetos desenvolvidos pela Biblioteca Orlando Lobo



Registros dos momentos de desenvolvimentos dos projetos voltados para a aproximação das crianças em vivenciarem novas experiências e aprendizados no ambiente da biblioteca.

As fotos estão desfocadas a fim de preservar a identidade das crianças.

Fonte: acervo da pesquisadora (2019)

2.2 PROJETOS DE ESTÍMULO

Mesmo a Biblioteca não sendo um ambiente escolar e possuir suas singularidades, é um espaço ricamente pedagógico, imerso em um trabalho efetivo de gestão, organização e trocas de saberes constantes, observações descritivas não apenas do processo de trabalho da pedagoga dentro da biblioteca, mas também, da instituição como um todo.

Dentro deste pressuposto, procurou-se conviver e observar todos os sujeitos que interferem no funcionamento e dinâmica da Biblioteca. Hoje estão envolvidos, cerca de 12 funcionários distribuídos dentro do ambiente da biblioteca, dentre esses inclui-se também os funcionários da Secretaria de Cultura, que ocupam o mesmo espaço. Da competência atribuída a eles estão:

- Manter atualizado e organizado o acervo da biblioteca, bem como zelar pela sua conservação;
- Instruir usuários quanto ao uso da biblioteca, individual ou em grupo;
- Coordenar o serviço de empréstimos de livros;
- Registro de materiais bibliográficos e não bibliográficos;
- Abrir a biblioteca ao público no horário e dias previstos;
- Catalogação de livros no sistema;
- Cumprir e fazer cumprir as determinações da biblioteca, seu regimento, e normas, conforme as decisões do Poder Executivo;
- Descarte de materiais seguindo os critérios de condições físicas, inadequação e desatualização;
- Respeitar o público que utiliza os serviços prestados pela biblioteca, assim como atende-los, de modo que atendam suas expectativas.

Podemos dizer da biblioteca hoje, que é um dos espaços mais importantes na promoção de momentos culturais como saraus, projetos regionais, oficinas, apresentações literárias, palestras de apoio as escolas, tanto públicas quanto particulares, e na participação extensiva do projeto municipal, implantado pela Secretaria de educação em parceria com Secretaria de Cultura e a Casa da Cultura, intitulado Marabá Leitora, que existe desde o ano de 2014, composto de várias ações, cuja mola mestra são as formações para os professores da sala de leitura do município de Marabá. Outras ações acontecem em torno dessa formação, sendo uma delas a doação de livros que acontece durante todo o ano e o suporte a biblioteca, com o projeto Leitura no Ninho e a Hora do Conto, idealizados pela

coordenadora da biblioteca, junto das duas Pedagogas, também da biblioteca, que atuam na colaboração da execução dos projetos.

Atualmente, o município possui 84 escolas com sala de leitura, cujo objetivo é o fomento do desenvolvimento da comunidade leitora. Seguindo o Programa Marabá Leitora, mensalmente os professores da sala de leitura participam de formações através de oficinas com escritores, ciranda de leitura e ainda contação de histórias. Após essa formação, os professores adequam seu planejamento ao da escola. Participam do projeto escolas de Ensino Infantil, do 1º ao 5º ano, e de 6º ao 9º ano. São esses mesmo professores que fomentam e sugerem aos alunos o recurso de utilização da biblioteca. O Programa Marabá Leitora é de grande relevância para o município de Marabá em desenvolvimento com a comunidade, pois busca despertar e incentivar o gosto pela leitura. Por consequente o estímulo a utilização do espaço da Biblioteca Pública. Os contos, lendas, história de encantamento e assombração despertam a sensibilidade dos “pequenos leitores” que com encanto e magia aprendem a história dos seus antepassados de maneira prazerosa, através da contação de histórias.

IMAGEM 6: Biblioteca em Ação



Aqui nesta imagem o projeto de contação de história da biblioteca recebe crianças na praça São Felix do Valois. O ambiente natural também deve ser utilizado como ferramenta pra estímulo educacional das crianças.

Fonte: acervo da pesquisadora (2019)

O programa atua também junto à Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará (UNIFESSPA), mediante o projeto de extensão “Ler e escrever na Amazônia: modos de ser e de fazer”, coordenado pela professora Dra. Eliane Pereira Machado Soares.

Além de todas essas programações, ainda atuou como parceiro em diversos eventos, tais como, 10º Pacto Pela Leitura, promovido pela Secretaria Municipal de Educação; Colaboração na Semana da Cultura, promovido no mês de Novembro; Apoio nas inscrições do 30º Prêmio Inglês de Sousa, promovido pela Academia de Letras do Sul e Sudeste Paraense. Todas essas atividades contribuíram para resultados positivos e, foram destaques em diversas matérias dos jornais marabaenses. O que agregou em mais visitantes, e no empenho de doação de mais livros para a instituição. Os livros doados foram dos mais variados gêneros.

A maior parte do público que frequenta o espaço em sua maioria é composta por jovens e adultos que buscam pesquisar trabalhos escolares ou somente um lugar apropriado e silencioso para ler e estudar. Há um sistema de empréstimos de livros para pessoas cadastradas o que facilita o acesso da comunidade que não tem condições financeiras para aquisição de livros. A clientela/usuário inscrita até o momento já passa de 1.050 usuários, composta por alunos, pesquisadores, professores e comunidade leitora em geral; tendo um fluxo constante e diário, na utilização de todo espaço. Recebe ainda as visitas agendadas de diversas escolas, tanto do ensino público como do privado, entre elas, destacam-se as E.M.E.F. Irmã Theodora, E. E. Prof. Anisio Teixeira, Colégio Branca de Neve, E. E. Liberdade, Escola O Globo, Escola Branca de Neve, E. M.E.F. Judith Gomes Leitão e agora com uma incidência cada vez maior, a visita dos núcleos de educação infantil (NEI).

Mas nem tudo é tão simples quando falamos desses projetos desenvolvidos pela instituição, outro lado dessa história. Sobre as dificuldades relativas ao funcionamento da instituição, podemos incluir a falta de manutenção nos computadores utilizados como biblioteca virtual, por alunos que buscam informações na internet. Assim que inaugurada, a sala de recursos informáticos possuía um total de 09 computadores, disponibilizados para utilização dos usuários, e mais 01 para manuseio do Tec. em Informática responsável pela sala, e auxílio aos cuidados quanto ao manuseio. Com o passar do tempo o funcionário foi cedido a outra

instituição, o que causou um transtorno no convívio com as máquinas em serviço de públicos diversificados. As máquinas foram apresentando necessidade de manutenção, o que por vezes não era atendido. Com isso alguns equipamentos foram sendo “aposentados”, ou quando iam para manutenção não voltavam mais, segundo relatos. Atualmente a sala da biblioteca virtual é de responsabilidade de uma das Pedagogas, que faz o controle de uso das máquinas, e também auxilia os utilizadores nas buscas e direcionamento de pesquisas ali solicitadas. O que por um lado é bom, entretanto rouba uma presença em outros locais, já que essa é apenas uma de suas atribuições.

Em se tratando da atuação das Pedagogas no espaço biblioteca, podemos citar suas contribuições nos direcionamentos aos que procuram por determinadas respostas. Ambas estão sempre atentas na valia que tomam os rumos desses questionamentos ali depositados, seja no auxílio pela busca do material, ou até mesmo na execução das atividades trazidas pelos “alunos”. Em momentos de pouco movimento, ambas estão sempre reconhecendo materiais ali dispostos, para saberem onde encontrar, e o que oferecer das literaturas disponíveis. Sendo delas a responsabilidade direta das organizações categóricas do acervo. Além de ser quase sempre o primeiro contato a quem recorrem os visitantes. O papel do pedagogo social posto nesta instituição que é a Biblioteca Orlando Lobo, emerge no intento de propor diálogos e análises voltadas para questões sociais enfrentadas pelas mais vastas camadas populares que ali transitam. Por não dar conta de atender a demanda, por vezes, o espaço encontra certo conflito comportamental, proveniente de conflitos de faixa etárias ali dispostas. Enquanto os adultos e adolescentes fazem questão do silêncio absoluto para os estudos, as crianças ainda não se dão conta dessa “característica tradicional” da instituição. O que também fica por conta da Pedagoga, o processo de conscientização e mediação das circunstâncias ali corriqueiras, já que a biblioteca não dispõe no momento, de uma sala específica para o atendimento voltado ao público infantil que se distancie do público em geral. A elaboração de projetos de intervenção para funcionamento e utilização do espaço, esta sempre atrelado aos diálogos com a coordenadora da biblioteca, atualmente ocupado por uma profissional de letras. Entendo que, no contexto socioeducativo, as profissionais pedagogas participam ativamente com tarefas e projetos de transformação social, atendendo demandas como a problemática das desigualdades e a violação dos direitos humanos.

Além das duas pedagogas e da coordenadora o espaço conta com seguranças patrimoniais, uma fixa e mais alguns que por ali transitam em frequente ronda, uma auxiliar de serviço geral, que cuida da conservação do ambiente. Conta ainda com um funcionário do município, cedido com auxiliar de biblioteca, que atua no auxílio a coordenação. Uma curiosidade sobre esse funcionário é que após sua permanência na entidade, desenvolveu a habilidade de produção de versos e poemas, voltados para o seu olhar regional, que nos remete a importância de frequentar tal local.

Outra adversidade, é que a Biblioteca encontra dificuldades para a aplicabilidade de seus projetos, que não recebem incentivos constantes e suficientes para serem desenvolvidos como planejado estruturalmente. Como é o caso do projeto Leitura no Ninho.

Ainda sobre a atuação do pedagogo no ambiente da biblioteca, nota-se que a falta de um espaço para diálogo dentro do ambiente biblioteca dificulta um pouco da intenção de desenvolver nos indivíduos um pensamento mais crítico acerca da sua atuação social, e do seu papel enquanto agente de mudança, propondo condições e ambientes de aprimoramento e formação educativa na sociedade, cumprindo assim da melhor forma o papel do pedagogo social.

2.3 LEITURA NO NINHO

Inicialmente o projeto idealizou-se com a chegada da coordenadora responsável pela biblioteca, no ano de 2017. Com o objetivo de possibilitar e aproximar as crianças o acesso ao mundo mágico da leitura e estímulo pelo hábito e pelo gosto de ler, na cidade de Marabá, cultivados através de horas conto, e a realização das visitas aos pequenos, em seus centros educativos nas séries iniciais e também fundamental, já tendo atendido grande número de participações.

O programa tem proporcionado um contato com várias obras literárias, incluindo obras regionais produzidas por autores locais e também conta com a participação de contadoras de histórias empenhadas, que acreditam na ideologia do projeto e atuam de forma voluntária. De forma lúdica, atrativa e divertida, temos o que se constitui como um ponto de partida para o incentivo da leitura através do ato de contar história. Exercem o projeto a coordenadora, duas pedagogas e mais três ou quatro voluntárias convidadas. Entre oficinas oferecidas pelo município, o projeto

da biblioteca interliga-se ao principal projeto desenvolvido pela secretaria de educação, Marabá Leitora, implantado desde 2014 na cidade.

O Leitura no Ninho consiste em receber as crianças em visitas programadas a biblioteca, por meio de agendamentos das escolas, e a prática de leitura e contação de história para as crianças, permitindo o reconhecimento da instituição e do acervo ali dedicado a elas no espaço. Da mesma forma deslocam-se até as escolas, que procuram a biblioteca para convidar o projeto a visitá-las. A participação dos alunos abordados não especifica idade, alunos entre 2 a 12 anos são atendidos pelo grupo, e por vezes até alunos do ensino médio participam das programações. O importante é alcançar o maior número de pessoas e aproximá-las do universo literário.

Formar novos leitores na atualidade é um desafio para todos os que participam dos processos educativos que incidem no desenvolvimento infantil, pois para além de educar faz-se necessário incentivar o gosto pela literatura na perspectiva de capacitação dos cidadãos de amanhã.

Como exposto anteriormente, a história da literatura nos relata que a princípio só a classe burguesa tinha o acesso ao ensino literário, e com o passar dos anos devido à preocupação das administrações de heranças, os herdeiros passaram a ter acesso também à literatura, e anos depois aconteceu a inserção da literatura nos colégios e assim a literatura infantil foi ganhando espaço em todas as classes sociais, e atualmente movimenta um espaço cada vez mais evolutivo no cenário literário. A literatura é uma arte incorporada à escola, mas na verdade deveria ser algo a qual, todas as crianças tivessem acesso de forma espontânea e não apenas como noção de dever, de tarefa a ser cumprida, mas sim de prazer, de deleite, de descoberta, de encantamento como afirma ABRAMOVICH (1991). Assim, o discurso e disseminação do projeto estabelecem-se.

As histórias e os contos infantis, sejam orais ou impressos através de livros literários, sempre encantarão gerações de crianças no mundo inteiro e despertado o interesse investigativo de muitos pesquisadores. A leitura como prática social é sempre um meio, nunca um fim. O ato de ler é dar resposta a um objetivo, ou necessidade pessoal. Para alcançarmos o objetivo de tornar crianças em bons leitores, e preciso evoluir muito mais do que só a capacidade de decifrar códigos ou letramento. É preciso despertar o apetite pela leitura e um compromisso com ela, onde algo ou alguém deva mobilizá-los internamente, pois aprender a ler também é

ler para aprender, e isso requer esforço, pois é por meio deste hábito, que o ser enriquece o seu vocabulário, interage com o outro de forma mais fácil e desenvolve seu raciocínio, ou seja, a criança evolui no processo cognitivo, aprende a compreender melhor a si e ao mundo a sua volta, relacionando-se de forma mais analítica e sociável.

Para os atuantes do projeto não é por ser para crianças, que a literatura é menos importante, e deixa de comportar menos gêneros literários. Toda a riqueza bibliográfica deve estar a serviço dos pequenos leitores, pois na literatura tudo se torna possível, e nesse processo deve estar presente a empatia – característica através da qual o leitor se identifica com uma ou mais e vive a aventura como se fosse o próprio personagem. Essas viagens podem ser feitas de diversos modos: Há as viagens mais longas vividas através da leitura de um romance; Existem as mais curtas saboreadas em um conto ou uma novela; Tem as micro-viagens por meio das fábulas e há os passeios lúdico- brincante-emocionantes vividos na poesia. Cada gênero apresenta uma riqueza tanto de conteúdo como de autores em toda a literatura, seja para público infantil ou para o adulto. Daí é possível encontrar romances, novelas, contos, fábulas, poesias, peças de teatro, voltados para este público tão especial, tão único em suas características e exigências. O lúdico, a apresentação em forma de brincadeira, torna-se para eles a fuga do real, uma evasão da realidade tão normal no cotidiano. Assim a criança quer experimentar diversas vezes uma mesma história, que irão conduzi-lo por territórios de sonhos, onde a imaginação reina absoluta. Entretanto não é só contar ou apenas ler uma história, para que essa imersão imaginária aconteça é necessário aprender a trabalhar e expor as narrações. Seja qual for o indivíduo que atua como mediador no processo de ampliar o interesse pela leitura, adquire um o papel desafiador, e, sobretudo encorajador, tendo que ser capaz de reinventar momentos onde a leitura deixa de ser uma obrigação e é acometida pelo deleite. Com isso, asseguramos que a literatura não se ensina, aprende-se com ela e à medida que se aprende, é possível passar para os outros um pouco daquilo que o prazer da leitura deixou em nós.

Vale ressaltar ainda que o projeto preocupa-se muito com a escolha das obras de literatura infantil, considerando que ela permite à criança a possibilidade de estabelecer um contato, de forma reflexiva, com situações que retratam papéis sociais destinados à eles na sociedade. Histórias que na quase totalidade dos casos

são produzidas, por adultos e eles estão transmitindo consciente ou inconscientemente valores e tipos de comportamento que poderão ser assimilados pelos pequenos receptores, por estarem em fase de formação. Assim a constante apresentação de autores regionais faz parte do processo.

Os contos de fadas são obras que retratam as situações de interação social, na vida real e no imaginário. Como nos diz BETTELHEIM (2009), eles nos permitem viajar para outro mundo, não menos real do que o nosso, desenvolvendo a fantasia e a imaginação enquanto estimula-se a mente. Proporciona o encontro com sonhos e anseios – através da identificação com os personagens e, como meio de proporcionar a busca de soluções dos problemas que habitam na mente da criança. O conto de fadas é a cartilha onde a criança aprende a ler a sua mente na linguagem das imagens, a única linguagem que permite a compreensão antes de conseguirmos a maturidade intelectual. Desta forma, cada criança verá nas histórias infantis um significado diferente, de acordo com as suas necessidades e interesse em cada fase de suas vidas. “A literatura não é, como tantos supõem, um passatempo. É uma nutrição.” (MEIRELES, 1984, p. 32)

3. UM RELATO DE EXPERIÊNCIA SOBRE O TRABALHO DE ESTIMULO A LEITURA EM MARABÁ COM FOCO NA ATUAÇÃO DE UM ESTUDANTE DE PEDAGOGIA

Como uma extensão de um projeto maior desenvolvido pela Secretaria de Educação, em parceria com a Secretaria de Cultura do município, o projeto de incentivo a formação de um público leitor na cidade, o programa desenvolvido pela Biblioteca Municipal Orlado Lima Lobo tem alcançado resultados positivos, principalmente quando falamos no alcance do público infantil, considerando que o incentivo a leitura e a literatura são os pilares essenciais para a formação do desenvolvimento do ser humano.

Como estagiária e observadora do projeto, tive a oportunidade de experienciar diversas ocasiões únicas e até abertura de mediar/atuar nesse objetivo proposto pelo projeto.

Já ficou exposto o mérito das histórias infantis no papel de incitar a leitura bem como o nascimento da literatura como arte e deleite, objetivando transmitir valores ocultos, que determinaram posturas éticas e a expectativa de melhores convivências, sejam em trajetória escolar, mas principalmente como sujeito funcional, cidadão. E em minha primeira vivência, que iniciou-se no mês de Abril de 2019, como primeiro dia de atuação estivemos visitando o Núcleo de Educação Infantil Maria Claro Machado, localizado no bairro Laranjeiras, instituição pública que atende crianças de crianças de maternal, Jardins I e II. A visita começa com a organização das crianças no pátio da escola, onde atividades pensadas para suas faixas etárias são colocadas em prática, como musicalização e um rápido diálogo, estabelecido para gerar confiança entre os colaboradores e elas de um breve processo de sensibilização e apresentações. Segundo Wallon (1995), a afetividade constitui-se: "... a capacidade e disposição do ser humano de ser afetado pelo mundo externo e interno por meio de sensações ligadas a tonalidades agradáveis ou desagradáveis". De acordo com ele, muito precocemente a criança sente-se atraída pelas pessoas que a rodeiam, tornando-se sensível aos pequenos indícios da disponibilidade do outro em relação a ela.

Dessa maneira os condutores da escuta sensível⁴, produzem um dialogo encorajador e participativo, garantindo a atenção e despertando a percepção dos pequenos para o momento. Na imagem abaixo é possível observar umas das visitas a escola, feita pela biblioteca. Momento de interação com as crianças que rouba a atenção dos pequenos.

IMAGEM 7: Momento de dialogo



Fonte: acervo pessoal, 2019.

Percebe-se assim que elas se envolvem natural e ativamente estabelecendo uma boa conexão, que a porta de entrada para o objetivo de influencia-las. Por seguinte, as atividades realizadas foram contações de histórias, tendo como destaque a lenda regional “Buíuna”, que contou com a participação da “própria cobra” – (de tecido, produzida pela biblioteca).

⁴ A **escuta sensível** se apoia na empatia. Deve-se saber sentir o universo afetivo, imaginário e cognitivo do outro para poder compreender de dentro suas atitudes, comportamentos e sistema de formação de idéias, de valores de símbolos e de mitos. Reconhece a aceitação incondicional de outrem.

IMAGEM 8: Lenda da Boiuna

Destaque para a cobra de retalhos no pescoço da contadora, que agrega valor e chama a atenção das crianças para o enredo da história, que trata de um clássico regional folclórico.

Fonte: acervo pessoal, 2019

Outras histórias também são contadas. Algumas de já conhecimento por parte das crianças, que interagem respondendo perguntas feitas pela narradora, ou até expondo seus próprios enredos. Tudo acontece perante supervisão e auxílio das professoras e coordenadoras da escola. Por fim, todos interagem através de brincadeiras musicais. A visita dura cerca de 1 hora corrida, e logo todos voltam as suas atividades cotidianas. Assim o projeto segue como complemento educacional.

Em uma outra experiência marcante e criativa, desta vez em praça pública localizada em frente a Biblioteca Municipal, as crianças acomodam-se em tapetes posicionados no chão em baixo de uma grande sobra de uma mangueira. A atividade parece atípica a realidade das crianças que estampam claros sorrisos de contentamento pela situação ali disposta. A narração fica por conta de uma voluntária do projeto, acadêmica de especialização em contação de história, que

dispõe de equipamento de som, caixa amplificadora e microfone, disponibilizados pela parceira secretaria de cultura, fato que favorece a prática, tendo em vista o local aberto. Da mesma forma as crianças interagem, interrompendo a narração com perguntas e respostas ao longo das histórias. Sempre trabalhando com o universo lúdico das histórias contadas, trazendo os personagens para fora do livro, utilizando fantasias, criação de cenários, músicas relacionadas à história, em linguagem de fácil compreensão.

IMAGEM 9: Em praça pública



Crianças de varias faixas etárias, algumas acompanhadas pelos pais, participam de um momento de dialogo e contação de historia a convite da biblioteca municipal Orlando Lobo.

Fonte: acervo da pesquisadora (2019)

Ao que nota-se, todas as crianças demonstram-se receptivas a esses momentos. Vygotsky (2006) descreveu, como processos psicológicos superiores as ações conscientemente controladas, a atenção voluntária, a memorização ativa e o imaginário. Portanto, os processos cognitivos que envolvem atenção, memória, percepções, pensamento, consciência, comportamento emocional, aprendizagem e linguagem, e que refletem processos superiores exposto anteriormente, em que as áreas cerebrais (auditiva, sensorial, tátil, visual, planejamento consciente do

comportamento e ações) são cognitivamente relevantes para a aprendizagem numa relação essencial com a linguagem.

Semanalmente, mas especificamente todas as sextas-feiras, a biblioteca prepara-se para receber visita de alguma escola. Acontece no período da manhã e da tarde o que eles chamam de: A hora do Conto. Por vezes é nesse momento que os visitantes têm a oportunidade de conhecer a biblioteca e suas atividades pela primeira vez, como é o caso de alguns alunos. Outros apenas recorrem aos exemplares ali dispostos para a escolha de uma leitura presencial, ou até mesmo como empréstimos de livros, feito pela biblioteca para aqueles que já possuem cadastro⁵. Apesar de quebrarem o protocolo de silêncio do local, essas visitas são carregadas de novas experiências e aprendizados.

IMAGEM 10: A Hora do Conto



A professora convidada pela biblioteca dispõe de materiais fabricados por ela mesma, para um momento de despertar curiosidade e interação com as crianças. Foto tirada em uma das visitas agendadas por escolas à convite da biblioteca.

Fonte acervo pessoal, 2019.

⁵ Para fazer o cadastro, basta levar cópia do documento pessoal ou do responsável legal, no caso das crianças, uma foto 3x4, e cópia do comprovante de residência.

Com o sucesso obtido com o projeto Leitura no Ninho à quase dois anos, o trabalho bem aceito pela comunidade e bem acolhido pelas equipes pedagógicas do município, proporciona a sensação de dever cumprido a cada dia aos participantes do programa, que compreendem e acreditam que a criança precisa vivenciar o mundo do faz de conta, da magia, do encantamento, e as histórias infantis que lhes proporcionam um momento lúdico nutrido de imaginação. Diante disso buscam desenvolver cada vez mais habilidades, por meio de capacitação que lhes possibilitem contar suas histórias de maneira cada dia mais elaborada, criando assim o hábito de ouvir histórias entre os pequenos, como também o respeito as pessoas que se dispõe a falar, estimulando o diálogo entre as próprias crianças e o mundo a sua volta, encorajando-as a avaliar e exporem suas opiniões, o que agregam momentos únicos durante as atuações, olhos brilhantes, gestos e sorrisos de felicidade das crianças. As profissionais responsáveis pelo projeto (coordenadora e pedagogas), conseguiram trazer para Marabá, através de uma instituição particular, um pós- graduação em Contação de História, ministradas em um encontro mensal para elas e alguns profissionais da região interessados, dentro do próprio espaço da biblioteca, aos finais de semana.

Ainda sobre meus relatos de experiências, não poderia deixar de citar mais um projeto desempenhado pela biblioteca, agora em Julho do ano de 2019 no período das férias, intitulado de: Semana Brincante.

IMAGEM 11: Convite da Semana Brincante



Biblioteca Pública Municipal
Orlando Lima Lobo

PROGRAMAÇÃO
JULHO
2019

**DE 22
A 26**

14h às 17h
Público alvo:
Crianças de 04 a 12 anos (Quantidade: 60 crianças)

PÉ DE PALAVRA

SEMANA BRINCANTE:
BRINCAR COM PALAVRAS
BRINCAR COM HISTÓRIAS
BRINCAR COM ARTES
BRINCAR!!!

Contribuição de Andrea Cozzi:
contadora de histórias do MOCOHAM

INSCRIÇÕES:
LOCAL: Biblioteca Orlando Lima Lobo
De 10 a 15 de julho

Obs.: Inscrições serão feitas na própria biblioteca apenas pelo responsável legal da criança

www.maraba.pa.gov.br

PREFEITURA DE
MARABÁ

Fonte: recebida via whatsapp

Percebendo as insatisfatórias opções de lazer na cidade pensada para a criança, a concepção do projeto elaborou atividades de educação ambiental, artes, consciência alimentar, construção de brinquedos, mostras de poesia, sessão de cinemas e é claro, a contação de história e leituras, com a finalidade de entreter de uma forma à contribuir também para a construção de um ser humano rico de conhecimentos gerais, cabíveis e perpassáveis em seu cotidiano. A semana brincante contou com a participação de crianças de 04 á 12 anos e também com alguns pais voluntários nessa interação de troca de saberes, além de convidados especiais das oficinas ofertadas.

É preciso entender a mente humana como algo mais amplo do que apenas um cérebro e estimular seu extremo potencial, não devendo abandonar à conta do acaso. As mentes humanas não aprendem apenas com pequenas quantidades de dados, mas criam novas ideias, de acordo com os estímulos aplicados. Tão quanto investirmos nesses pequenos aprendizes, família, cuidadores e professores da mesma maneira que investimos em outras formas poderosas de tecnologias, engenharia e design, nós não vamos apenas idealizar um futuro melhor, mas vamos planejar um futuro.

IMAGEM 12: Oficina de Educação Ambiental e Alimentar

Fonte: acervo da pesquisadora (2019)

Os participantes tiveram um momento de aprender um pouco sobre alimentação saudável e entender de que forma ela pode contribuir para seu desenvolvimento. Através de imagens projetadas, tiveram a oportunidade de ter contato visual com alimentos que por vezes nem fazem parte do seu cotidiano ao qual desconheciam a existência. Tiveram ainda a chance de aprender a plantar e cuidar de mudas de alface, oferecidas pela Secretaria Municipal de Meio Ambiente (SEMMA), parceira e voluntária da biblioteca. As mudas plantadas foram levadas para casa com muito entusiasmo.

Das muitas atividades oferecidas, umas das que mais causou entusiasmo nas crianças, e dessa só puderam participar as à acima de 9 anos, foi a de preparar a própria refeição.

IMAGEM 13: Cozinha Educativa



Fonte: acervo da pesquisadora (2019)

Na ocasião a criançada preparou um sanduiche natural com as próprias mãos, passando por todas as etapas do processo, lavar, cortar, ralar e cozinhar os ingredientes da receita, com a supervisão e auxilio de alguns pais e voluntários. Tudo pronto, o lanche foi servido aos outros participantes incluindo os pequeninos envolvidos em outras atividades. Momento esse de grande interação entre eles, que se sentiam orgulhosos em terem cumprido a proposta e diziam-se preparados para repetirem o feito em casa. O manuseio, preparo e escolha dos alimentos, quase sempre não fazem parte do dia a dia das crianças, que na maioria das vezes só comem aquilo que lhes é oferecido. Esquecendo os tutores que alimentação também precisa fazer parte da educação infantil, ate mesmo para fins de saúde e desenvolvimento fisiológico.

Enquanto isso na sala ao lado os pequeninos de idade menor, sujavam as mãos em uma atividade de pintura e criatividade, a qual sempre muito bem vinda por eles. Guiada por uma pedagoga convidada, aprenderam técnicas de desenhos com folhas de árvores e papel crepom, atividade na qual pude auxiliar.

IMAGEM 14: Momento da pintura

Durante as atividades as crianças interagem entre si e também com os responsáveis. Diálogos sempre cheios de questionamentos e conhecimentos empíricos.

Fonte: acervo pessoal, 2019.

No Brasil, o trabalho do educador social está titulado com outros profissionais que se dedicam ao trabalho social. Independe do nível de ensino ou curso que tenha realizado não necessariamente o professor e/ou pedagogo. Estudiosos da pedagogia social ressaltam a necessidade de qualificar este profissional. Desta forma, profissionais de diversas áreas e conhecimentos ou, até mesmo, sem nenhuma formação, que trabalhe com o social é considerado educador social. Porém, para ser considerado pedagogo social, necessita ter curso superior na área de Pedagogia. Diversos discursos levantam a bandeira da necessidade da presença de pedagogos nas áreas sócias, tendo que a área de assistência ao social exige uma multiplicidade de profissionais, onde o pedagogo só tem a contribuir.

Assim o Pedagogo Social deve compreender as políticas públicas que dão respaldo a pratica, resgatando identidades, autoestima e a busca pela autonomia. O trabalho desenvolvido pelas Pedagogas na biblioteca tem esse objetivo, e no que tange os resultados apresentados pelo demanda, tem conseguido alcançar resultados positivos.

Os constantes desafios encontrados na realidade da sociedade marabaense, tem feito essas profissionais se questionarem e desafiarem cada vez mais por aprimoramento e por uma leitura mais ampla de mundo, contribuindo ate mesmo para uma reconstrução pessoal.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A participação do agente educador, na figura de um Pedagogo, tem a cada dia mais ultrapassado as convecionalidades de seu ofício. Assim tem se ampliado a necessidade de sua participação em vários ambientes para além dos espaços escolares, independente do local que o professor/mediador desempenha seu trabalho, necessita estar em constante processo de preparação, o que ressalta a amplitude de sua relevância para com a sociedade. Neste patamar, está claro que o processo de ensino-aprendizagem ocorre de inúmeras formas, para além das escolas, em todos os lugares, o que nos remete a reflexão das contribuições dos vários agentes condutores.

Seja na sala de aula, dentro de casa, em espaços públicos ou nos momentos de lazer e descontração, a educação informal corresponde a ações e influências exercidas pelo meio, ambiente sociocultural, e se desenvolve por meio das relações em volta do indivíduo.

O aspecto educativo diz respeito á atividades de educar propriamente dita, a relação educativa entre agentes, envolvendo objetivos e meios de educação e instrução, em várias modalidades e instâncias. (LIBÂNEO, 2001, p.120).

A atuação do pedagogo em espaços não formais de aprendizagem envolve observação cautelosa e ética, assim como uma intervenção competente e significativa, como se esperam as expectativas atribuídas a um mediador de ensino, ancorada nas necessidades educativas percebidas ou apontadas, deve contribuir para o processo de inclusão social, trabalhar as diversas esferas educativas, enfrentando os desafios que a realidade do mundo atual tem imposto. Assim:

A Pedagogia é a ciência sobre a atividade transformadora da realidade educativa. Esta atividade educativa que acontece em todos os espaços sócios, só é efetivamente educativa quando emancipa o cidadão. A emancipação por sua vez só acontece quando existe o enfrentamento das contradições. A partir da consciência de sua existência enquanto cidadão num mundo repleto de relações contraditórias, as quais devem ser enfrentadas e transformadas, é que se estabelecem os processos de emancipação. (SUCHODOLSKI, 1977 apud LIBANEO, 2001).

A partir de realidades tão diferentes, podemos afirmar sobre esse contexto da educação não formal, maior responsabilidade dos sujeitos envolvidos:

[...] educar passa a ser objeto explícito da atenção, desenvolvendo-se uma ação educativa intencional, então tem-se a educação sistematizada. O que determina a passagem da primeira para a segunda forma é o fato da educação aparecer ao homem como problemática; ou seja: quando educar se apresenta ao homem como algo que ele precisa fazer e não sabe como fazê-lo. É isto o que faz com que a educação ocupe o primeiro plano na sua consciência, que ele se ocupe com ela e reflita sobre ela. Quanto a nós, se pretendemos ser educadores (especialistas em educação) é porque não nos contentamos com a educação assistemática. Nós queremos educar de modo intencional e por isso nos preocupamos com a educação (SAVIANI, 2002, p.48).

A realização deste trabalho, compreendeu no reconhecimento de uma outra visão da sociedade pedagógica, a identidade e diversidade da atuação do pedagogo, em uma diversidade de espaços institucionais, a relação entre o ensino, a pesquisa e extensão, onde através das atividades, oportunizou-me o exercício da observação, do reconhecimento de espaços não formais de aprendizagem, evidenciando a importância do trabalho do pedagogo em espaços diferentes, como é o caso da Biblioteca Municipal de Marabá, Orlando Lima Lobo, que da espaço para a atuação de duas profissionais da área, visto ser um espaço que demanda uma atuação pedagógica, que tem influenciado no processo de aprendizagem das crianças e adolescentes bem como ressignificando seu valor ante sociedade.

Através de entrevista semi-estruturada, algumas informações contribuíram para esclarecimento de pontos, como o fato de: apesar do sucesso do programa desenvolvido pela instituição, ele não recebe investimento financeiro por parte da administração pública, ficando a cargo dos envolvidos as adaptações para sua execução; “ - Não recebemos verba para nosso deslocamento até as escolas, e as voluntárias do projeto nenhum tipo de incentivo, além da experiência da prática e a gratidão pela contribuição”, nos diz a coordenadora do espaço. Por acreditarem na capacidade de alcance e no benefício do desenvolvimento e engajamento de suas práticas, as pedagogas contribuem para as rotinas e desafios da biblioteca elaborando projetos em constantes estudos e pesquisas. Como relatado por elas, hoje a maior dificuldade enfrentada pela instituição hoje, tem sido a conscientização da população na importância da devolução dos materiais emprestados; “ - Eles não tem a consciência necessária para estabelecer uma relação de confiança no empréstimo dos livros, muitos livros importantes não voltaram para o nosso acervo por essa falta de compromisso por parte deles. Existe um cadastro de dados, e nos ligamos por diversas vezes pedindo e tentando explicar a importância da devolução

do material, eles até dizem que vão devolver, mas a verdade é que não aparecem”, relata uma das pedagogas responsável pelo processo de disposição do acervo. Outra dificuldade ressaltada por ela é a implantação de um sistema informatizado para controle do acervo, já que tudo é feito manualmente, o que por vezes dificulta os levantamentos para controle do material.

Por parte da segunda pedagoga entrevistada, as dificuldades ficam a cargo da disposição do espaço que por vezes, segundo ela, não consegue suprir a necessidade de atendimento do público infantil, uma vez que: “ - as crianças fazem muito barulho e acabam interferindo no funcionamento da biblioteca para utilização do espaço dos mais velhos para estudos.”

Questionadas sobre a importância da contação de histórias para as crianças envolvidas pelo projeto, todas são unânimes em ressaltarem a validade dessa prática de forma positiva e fundamental, para elas, o encantamento que a literatura infantil proporciona aos pequenos leitores ocorrerá sempre e em todos os lugares. No entanto, os problemas encontrados nos dias de hoje, como a disputa dos livros com os objetos eletrônicos, ainda não foram totalmente superados pela literatura infantil, que encontram-se quase sempre apenas nas práticas pedagógicas que ainda insistem em apresentar a literatura infantil como exercícios intelectuais ou pedagógicos. Desviando, assim o poder da imaginação que a mesma proporciona e que seria o ideal na formação das em leitores habituais. Ou ainda a falta de conscientização dos mediadores desse hábito, tão importante, a ser desenvolvidos na figura dos pais e familiares, responsáveis pela primeira educação oferecidas as crianças.

Diante de todo o exposto, conclui-se que o maior objetivo do projeto de estimular a leitura e promover a literatura infantil, tem mostrado que a prática de proporcionar esse contato com a literatura, através das visitas e contações de história, tem influenciado na educação de base, e mostrado ser um princípio, para construção de um cidadão mais crítico, participativo e consciente.

O livro a Importância do Ato de Ler, escrito por Paulo Freire, pioneiro nas literaturas sobre Pedagogia Social, nos esclarece que a leitura da palavra é precedida da leitura que se faz do mundo ao redor. Ressalta a importância da leitura crítica ainda durante o processo de alfabetização da criança, colocando o papel do educador dentro de um processo de educação onde o seu fazer deve ser vivenciado, dentro de práticas concretas libertadoras, tornando a alfabetização um

meio criativo, tornando o individuo parte da construção de toda a história que a envolve. A leitura sobre o mundo será sempre fundamental para a compreensão da importância não apenas do ato de ler em si, mas também de escrever e reescrever, transformando tudo em uma prática consciente. Se antes a transformação social era atendida apenas de forma simplista, fazendo-se de forma autoritária, centrada apenas na compreensão da palavra utilizada, sem nenhuma contribuição para o contexto, agora pelo contrário, o processo de alfabetização deve ser um ato de conhecimento agregado a um ato criativo, interpretativo, político em aplicabilidade de leitura de mundo, não sendo mais cabíveis apenas a decodificação de palavras.

Desta forma todo o trabalho oferecido pela Biblioteca Municipal Orlando Lima Lobo, na busca constante por tornar-se popular e aproximar o público, precisa ir além de seu acervo acessível, mas somados ao valor das atividades oferecidas, estipulando-se até como política cultural do município.

Discussões a cerca das atitudes dos educadores/pedagogos na colaboração para a construção de uma educação que amplie o gosto e o hábito pela leitura desde cedo não se findam por aqui. Sabemos agora da necessidade de realização de pesquisas mais profundas referentes a influência das histórias infantis frente à prática de leitura desenvolvida no meio social e na escola desde a infância, uma vez que nossa sociedade como um todo precisa adquirir um hábito maior de ler. Por fim, a força instituidora e a sabedoria profunda presentes nas histórias infantis e seu rico conteúdo de entrelinhas, corroboram para que as crianças encontrem caminhos mais largos em suas realizações pessoais e sociais.

Assim sendo concluo que todos os projetos criados relacionados à construção de leitores desde a infância, aproximando dessa forma cada vez mais o educando da leitura, merece a ressalva que se mantenha ativo e inovadores, sempre em busca de mais e melhores qualidade na educação e construção social do nosso país.

Cada vez mais ampla a Pedagogia é tomada por várias vertentes de campos de atuação, relacionada diretamente ou indiretamente com diversas práticas educativas, pois a educação é um processo que ocorre em diversos âmbitos da sociedade. O profissional Pedagogo não deve limitar-se a atuar apenas em escolas, como gestores, coordenadores, orientadores, supervisores e professores. Podendo desenvolver suas práticas em ONGs, hospitais, empresas, mídias, editoras e muitos

espaços que ainda surgiram. É uma formação que pode se tornar muito abrangente, envolvendo esferas mais amplas de educação informal e não formal.

A Pedagogia Social é uma área das Ciências da Educação, que possibilita o profissional a trabalhar com práticas socioeducativas. Seu foco está articulado com a Educação Social, relacionado com os sujeitos e suas ações perante a sociedade.

Essa temática não sucumbe nestas poucas páginas, a Pedagogia Social é recente no Brasil, muito ainda se pode pesquisar sobre essa ciência enquanto área do conhecimento que realiza intervenções socioeducativas, e que se constitui enquanto espaço de atuação do pedagogo, diante da importância e da emergência das demandas sociais contemporâneas crescentes, desafiadora e de um olhar atento de forma qualificada.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

A ENSINAGEM no contexto de complexidade. **Unicer.edu**, 2017. Disponível em: <http://www.uricer.edu.br/cursos/arq_trabalhos_usuario/3430.pdf>. Acesso em 21 de Agosto de 2019.

ABRAMOVICH, Fanny. **Literatura Infantil Gostosuras e Bobices**. 2º edição. São Paulo, Scipione, 1991.

AFONSO, A. J. Sociologia da Educação não-escolar: reactualizar um objecto ou construir uma nova problemática? In: Esteves, J. e Stoer, S.R. (orgs). **A Sociologia na Escola: professores, educação e desenvolvimento**. Porto; Afrontamento, 2001.

AMARILLA, Marly. **Estão mortas as fadas?**. Petrópolis, Vozes, 8ª edição, 2009.

ARIÉS, Philippe. **História Social da Criança e da Família**. 2. Ed. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1978.

BEILLEROT, Jacky. **A sociedade pedagógica**. Porto: Rés, 1985.

BETTELHEIM, Bruno. **A psicanálise dos contos de fadas**. São Paulo: Paz e Terra S/A, 2009.

BRASIL. Lei n. 1044/69, de 21 de out. de 1969. DECRETO-LEI Nº 1.044. Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil, Brasília, DF, 22 out. 1969.

COELHO, Maria Betty. **Contar Histórias: Uma arte sem idade**. 9. ed. São Paulo: Ática, 1999

COSTA, Emileide Lucineia da. RCNEI Educação Infantil. Disponível em: <<https://www.portaleducacao.com.br/conteudo/artigos/educacao/rcnei-educacao-infantil/16040>>. Acessado em 03 de Julho de 2019.

CUSTODIO, Crislei. A Infância no Espelho da Pedagogia. **Tesesusp**, 2016. Disponível em: <https://teses.usp.br/teses/disponiveis/48/48134/tde-02092016-153021/publico/CRISLEI_DE_OLIVEIRA_CUSTODIO_ORIGINAL.pdf>. Acesso em 10 de Julho de 2019.

FREIRE, Paulo. **A Importância do Ato de Ler: em três artigos que se completam**. 22 ed. São Paulo: Cortez, 1988. 80 p

_____. **Pedagogia do oprimido**. 17ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987

GOHN, M. da Glória. **Educação não-formal: cultura política**. 2ª ed. São Paulo: Cortez, 2001.

_____. **Educação não-formal, participação da sociedade civil e estruturas colegiadas nas escolas.** Ensaio - Avaliação e Políticas Públicas em Educação. Rio de Janeiro, v. 14, n. 50, 2006.

GORE, J. Foucault e Educação: Fascinantes Desafios. In: SILVA, T. T. da (org). **O Sujeito da Educação: Estudos foucaultianos.** Petrópolis: Vozes, 1994.

HENICK, Angelica Cristina. História da Infância no Brasil. **Docplayer**, 2019. Disponível em: <<https://docplayer.com.br/16694534-Historia-da-infancia-no-brasil.html>>. Acesso em: 20 de Agosto de 2019

LIBÂNEO, José Carlos; PIMENTA, S. G. **Formação dos profissionais da educação - visão crítica e perspectivas de mudança.** Educação e Sociedade, Campinas, 1999.

LIBÂNEO, José Carlos. **Pedagogia e Pedagogos, para que?.** 4ª ed. São Paulo, Cortez, 2001.

LIBÂNEO, José Carlos. Pedagogia e Pedagogos: Inquietações e buscas. **SciELO**, 2001. Disponível em:< <http://www.scielo.br/pdf/er/n17/n17a12.pdf>>. Acesso em 21 de Agosto de 2019.

LOCH, Evanice S. A Literatura Infantil Contribuindo na Aprendizagem dos alunos. **Lume.ufrgs**, 2011. Disponível em: <<https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/71904/000880458.pdf?sequence>>. Acesso em 10 de Julho de 2019.

MEIRELES, Cecília, (1984). **Problemas da literatura infantil** – 3ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.

PREFEITURA DE MARABÁ. **Educação:** Programa Marabá Leitora, c 2019. Disponível em: <<https://maraba.pa.gov.br/educacao-programa-maraba-leitora-trabalha-formacao-de-professores-da-sala-de-leitura/>>. Acesso em 03 de Outubro de 2019.

SAVIANI, Demerval. **Tendências e correntes da educação brasileira.** In: D.T. Mendes (Coord). 35º ed., 2002.

SIMSON, O. R. M. von et al. Introdução. In: SIMSON, O. R. M. von et al (orgs). **Educação não-formal: cenários da criação.** Campinas, SP: Editora da UNICAMP/ Centro de Memória, 2001.

TARDIF, Maurice; RAYMOND, Danielle. **Saberes, tempo e aprendizagem do trabalho no magistério.** Educação e Sociedade, Ano XXI, n. 73, dez. 2000.

TEBEROSKY, Ana. A Importância da Leitura Infantil para o Desenvolvimento da Criança. **O Espaço Educador**, 2019. Disponível em: <<https://oespacoeducar.com.br/2019/09/27/artigo-a-importancia-da-leitura-infantil-para-o-desenvolvimento-da-crianca/>>. Acesso em: 03 de Outubro de 2019.

VILLARDI, Raquel. **Ensinando a gostar de ler e formando leitores para a vida inteira**. Rio de Janeiro: Qualitymark/Dunya Ed., 1ª Reimpressão. 1999.

VYGOTSKY, L. S. **Pensamento e Linguagem**. Trad. Jéferson Luiz Camargo. São Paulo, Martins Fontes, 1995.

VYGOTSKY, Lev Semenovich. **A Formação Social da Mente**. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

VYGOTSKY, L.S.; LURIA, A.R.; LEONTIEV, A.N. **Linguagem, Desenvolvimento e Aprendizagem**. 10ª ed. São Paulo: Ícone, 2006.

ANEXO

Roteiro de entrevista semiestruturada aplicada as integrantes do projeto da Biblioteca Orlando Lobo

PERGUNTAS:

- 1. Qual a sua formação?**
- 2. Quanto tempo de atuação? Alguma especialização?**
- 3. Como surgiu a ideia de desenvolver projetos de estímulo a leitura?**
- 4. De que forma esses projetos tem se propagado pelo município?**
- 5. Quais os resultados têm sem alcançado?**
- 6. Em sua opinião, qual a importância da interação da “biblioteca” com público?**
- 7. Quais as principais dificuldades?**
- 8. Algo que acredite ser importante ressaltar?**

TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA

Entrevistada 1:

Mediadora: Bem, me interrompa a qualquer momento que achar necessário. Primeiramente, qual a sua formação e se possui alguma especialização?

Entrevistada: Formada em pedagogia há 2 anos, mas já trabalhava aqui na biblioteca antes de me formar, só que não como pedagoga e faço duas especializações, uma em educação infantil e a outra em contação de história. A de contação de historia é aqui mesmo na biblioteca pela Esamaz de Bélem, particular. Esse final de semana mesmo, vamos passar o final de semana estudando, haverá o encontro.

Mediadora: Trabalhar aqui influenciou você a escolher o curso de Pedagogia como formação?

Entrevistada: Sim, por que eu sentia a necessidade de ajudar mais de alguma forma as pessoas que eu via trabalhando aqui, também achava importante o trabalho, admirava.

Mediadora: Antes de você, tinha alguma Pedagoga que já trabalhava aqui?

Entrevistada: Eu trabalhava aqui como servente, a Lucimara que trabalhava como Pedagoga.

Mediadora: Voltando ao roteiro, como surgiu a ideia de desenvolver projetos de estímulo a leitura?

Entrevistada: Foi uma ideia trazida pela Evilangela, por que ela que é a coordenadora. Mas sempre tá surgindo ideias novas, de acordo com as rotinas que vão acontecendo, as pessoas também procuram pra participar de eventos.

Mediadora: De que forma esses projetos tem se propagado pelo município?

Entrevistada: Tem uma resposta boa, também por que a gente tem parceria com a Secult, que ajuda também, na divulgação dos eventos e também trazem eventos.

Mediadora: Você acredita que os projetos têm alcançado bons resultados, me refiro ao alcance do público?

Entrevistada: Olha isso é relativo, por que depende do evento que é proposto, tem evento que da mais gente, tem mais público, chama mais atenção. Já tem outros, que só vem mesmo quem se interessa pelo assunto. Igual tem uns eventos que são marcados em horários que as pessoas não podem vim, ate mesmo eu, as vezes não consigo vir em todos. Tem uns eventos programados com antecedência, dai fica divulgando bastante, e trás mais gente. As visitas agendadas pelas escolas são os melhores eventos da biblioteca porque da pra trabalhar com um público planejado e fazer as coisas que a gente elabora, que a gente organiza.

Mediadora: Entendi. Pra você, qual a importância da interação da biblioteca com público?

Entrevistada: Eu acho muito importante, porque o espaço da biblioteca e muito rico de conhecimento, quanto mais as pessoas utilizarem, melhor. Muita gente vem na biblioteca, mas não sabe usar bem o espaço. Igual aqui, por exemplo, da pra estudar tranquilo, tem muito livro bom pra ler, eu mesmo leio vários sempre que posso. Tem gente que não sabe nem que tem essa biblioteca aqui, não sabe que pode levar livro emprestado pra casa. A gente que trabalha aqui faz tudo que pode pra divulgar e também pra tá conseguindo material. Mas as pessoas não gostam muito de ler. Ainda mais com essa era do celular e da internet na mão. Por isso mais que a gente tenta influenciar as crianças, pra vê se consegue ir mudando isso.

Mediadora: Quais as principais dificuldades encontradas?

Entrevistada: As principais dificuldades encontradas são os livros que o povo não devolve. A gente liga, tenta explicar que a pessoa precisa devolver, porque pode ajudar outras pessoas assim como ajudou ela quando ela tava precisando, às vezes até a pessoa diz que vai vim devolver mas cadê que aparece? Isso é muito ruim, porque a gente não tem o que fazer, e muitos livros bons que vão e não voltam. Muito livro de direito que a gente perdeu, de história, cada vez vão sumindo mais. Vixe era pra ter muito mais livro aqui nessa biblioteca, negocio que as pessoas não tem consciência da importância.

Mediadora: Dificil né? Algo que gostaria de acrescentar?

Entrevistada: Só que a gente precisa entender a importância da leitura. Estar aqui dentro desse espaço me ajudou muito a entender isso, e hoje eu tento fazer o meu trabalho passando isso pras pessoas. O brasileiro lê muito pouco, e com isso fala mal, escreve mal. Por isso eu acho muito importante trabalhar com as crianças. Nem todas a gente consegue transformar, também porque falta ajuda dos pais em casa, mas tem muita criança aqui que volta sozinha depois, pede por pai trazer pra ficar aqui mexendo nos livros, e até pedindo pro pai cadastrar pra poder levar livro pra casa. Isso é muito bom, dá uma sensação boa. No mais só queria agradecer.

Mediadora: Ok Jeneci, muito obrigada pela sua colaboração.

TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA

Entrevistada 2:

Mediadora: Caso queira, me interrompa a qualquer momento. Primeiramente, qual a sua formação?

Entrevistada: Sou formada em Letras pela Universidade Federal do Pará.

Mediadora: A quanto tempo está na coordenação da biblioteca?

Entrevistada: desde de 2017, agora em agosto de 2019 fizeram dois anos certinhos. Também trabalho pelo estado como vice-diretora da escola Geraldo Veloso.

Mediadora: Comente um pouco sobre os projetos desenvolvidos hoje pela biblioteca

Entrevistada: a biblioteca existe a 11 anos, e ela possui alguns projetos que são fixos e acontecem todos os meses, que são: a hora do conto, todas as sextas-feiras, temos nosso banzeiro cultural, que é como se fosse um saral, que a gente faz todos os meses de acordo com o que o mês tem de oferecer de programação, por exemplo agora vai ter o dia do folclore, então a gente vai fazer um momento folclórico, e outra coisa que a gente sempre busca estar fazendo são os encontros literários com escritores, e aí nesse encontro temos o café literário e o cupim literário, que é um momento em que as escolas participam, e nos reunimos com os escritores, eles conversam e tem essa troca de ideias, os alunos leem os textos, perguntam, interagem, é um momento de aproximação, entre os escritores e o público, principalmente alunos. Alunos de escola fundamental e as vezes médio. E a gente tem também eventos aleatórios, que não acontecem todos os meses, de acordo com a demanda, vão aparecendo, como os lançamentos de livros, alguns professores, escritores regionais nos procuram. Tem também os tributos a vários cantores nacionais e também as rodas de conversa que são momentos em que pessoas da comunidade vem conversar também com alunos. A gente sempre procura direcionar as ações da biblioteca para as escolas que veem nos visitar para eles participarem.

Por como existem muitos agendamento, a gente sempre procura fazer com que eles participem de atividades e não apenas reconhecer o espaço. Não queremos que as escolas cheguem aqui e apenas olhem e vai embora, a gente quer ter sempre algo pra oferecer.

Mediadora: Todos os projetos citados são de iniciativa de vocês aqui da biblioteca?

Entrevistada: Sim, são ideias nossas, que a gente vai construindo. Por que a gente vai vendo de acordo com demanda de que a comunidade tá procurando, ta precisando, então vamos elaborando esses momentos para que não fique sendo apenas um prédio ocioso.

Mediadora: Como surgiu o interesse sobre a contação de história e o projeto?

Entrevistada: Assim, eu já participo de um grupo de contação de história antes de entrar pra biblioteca, ja estava nesse movimento, por que Marabá tem um grupo de contador de história muito bem engajado.

Mediadora: Quem são essas pessoas?

Entrevistada: Para mim as que são como referência é a Marluce Caetano, que trabalha na SEMED, no programa Marabá Leitora, e a professora Eliane Soares e a Gabi que são pessoas que conseguiram agrupar. Inclusive a Marluce trabalha com formação de professores para sala de leitura, então elas são referencia. E ai a professora Eliane me convidou pra participar do grupo de contação de história e performance e quando eu vim pra biblioteca ja estava nesse movimento, então eu apenas trouxe pra agregar aqui, por acho que tem tudo haver com a biblioteca. (risos)

Mediadora: De que forma você acredita, na tua experiência já no projeto, que ele tenha agregado para a sociedade marabaense, se tem conseguido alcançar?

Entrevistada: Olha eu digo que não só a biblioteca tem contribuído, mas principalmente o trabalho do Marabá leitora, por esse trabalho que é realizado, ja temos visto resultados nas escolas, no interesse dos alunos. Os alunos quando

chegam até a biblioteca, eles já sabem basicamente o que fazer com os livros, eu falo no sentido de crianças que não tem oportunidade de ter essa vivência com os livros, parece até uma coisa absurda, mas essas crianças não tem muito interesse, não conseguem pegar o livro, e como você pode observar, as crianças que chegam aqui através do projeto, mesmo não sabendo ler, pegam o livro e vão construindo a história através das imagens que elas vão vendo. Então isso é um trabalho que a gente pode ver como efeito, resultado. Então é muito interessante acompanhar e incentivar esses projetos e o espaço da biblioteca como complemento dos trabalhos que também já estão sendo feito na escola.

Mediadora: A que você atribui o nosso déficit de leitura da população?

Entrevistada: A questão de habito, por que muitas vezes os pais que estão em casa como referência , não tiveram a oportunidade de ter livros em casa e o habito de leitura, então os filhos não vão adquirir esse habito. Quando o pai ou mãe ou alguém da família leva livros pra dentro de casa, lê, se não todos os dias mais lê, comenta sobre algo que leu, então a criança ela vai automaticamente absorvendo aquilo, não precisa nem obriga-los, ela vai vendo e vai surtir o interesse, vai ser algo natural, automático. Então os pais as vezes não fazem isso, por que também não foram acostumados a fazer isso e ai não tem como culpa-los. Então o que se dev pensar em fazer é também tentar aproximar esses pais do projeto, convida-los para contação de hitória, para eles aprenderem a ter conato com livros e descobrir esse encantamento.

Mediadora: De alguma maneira o próprio fato de a criança participar do projeto já influencia em casa também, não é mesmo?

Entrevistada: Demais, as vezes eles vem pra cá não só pra ler, mas também a contação de história, o momento de brincar, vivenciar a biblioteca e isso influencia demais e aproxima. Por que eles começam a ver que uma biblioteca é um local de encanto e magia. Então vão se formando como leitores.

Mediadora: Pra você qual o papel da literatura infantil no desenvolvimento cognitivo da criança?

Entrevistada: Nossa, a gente pode observar um adulto que teve contato com livros desde a infância e outro que não teve essa oportunidade. Não “to” falando de inteligência, posso dizer que quem ler tem mais repertório de vocabulário, na forma de se expressar e de perceber o mundo, na forma como faz a leitura de mundo como Paulo Freire fala, muito mais do que aquele que não teve esse contato. Então temos que trabalhar para que as crianças tenham esse contato, por a construção de conexões cerebrais serão muito mais ricas. Elas conseguem ser mais tolerantes, perceptivas com as coisas, ela tem uma interpretação muito melhor.

Mediadora: Qual a principal dificuldade encontrada pela biblioteca hoje?

Entrevistada: Nós temos um bom acervo de livros, mas nunca vai ser o suficiente porque a quantidade de livro que tem nesse planeta, eu acho que a gente vai sempre querer ter mais livros. Então eu acredito que precisamos de mais investimentos nesse sentido. Outra questão é a organização do acervo, alguns livros já estão catalogados mas outros ainda não, então precisamos de um sistema que facilite esse trabalho, e a devolução de livros tem sido uma coisa muito difícil, as pessoas levam os livros e não devolvem, e eu percebo que com isso a biblioteca só perde. Infelizmente ainda não temos um sistema que funcione nesse sentido.

Mediadora: Então pra finalizar, gostaria de acrescentar algo?

Entrevistada: Olha, nossa tantas coisas, mas eu acho que principalmente nós precisamos conscientizar os pais a participarem. A escola tem feito o seu papel de incentivar os filhos, mas eu sinto falta dos pais, a gente pouco vê pais trazendo seus filhos para biblioteca, até mesmo como forma de um passeio que poderia ser. Para ouvir história, para pegar um livro. Agora nosso maior desafio é esse, chegar a esses pais, para que eles possam incentivar mais seus filhos.

Mediadora: Acredito que a biblioteca hoje esteja conseguindo ser um diferencial para a população. Digo pelo fato de ter participado do projeto da semana brincante.

Entrevistada: Então, esse foi o primeiro ano desse projeto, jogamos nas redes sociais e os pais precisaram buscar a participação, por que nós tínhamos um número

restrito de inscrições que precisavam ser feitas por eles. Gente mas, nos surpreendemos, tão grande foi a procura. E foi apenas dois dias e já acabaram as inscrições. Então essa informação chega de alguma forma. Mas nosso espaço ainda é improvisado para esse projeto, então precisamos restringir algumas vagas. Por exemplo nos colocamos 60 crianças, e fizemos 1 semana. Nós poderíamos ter feito, 30 crianças em 2 dias, e depois mais 30 crianças e mais 2 dias. Mas é assim, a gente vai aprendendo com a prática e aprimorando a organização.

Mediadora: Bom então é isso, gostaria de agradecer pelo espaço de aprendizagem e pela colaboração.

Entrevistada : Por nada. Estamos sempre de portas abertas para colaborar.